



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO
PATRIMONIAL

ALESSANDRA ROCHA DA SILVA

OS DIFERENTES TEMPOS DA ANTIGA IGREJA DE PILÃO ARCADO “VELHO”
NA BAHIA

SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

2024

ALESSANDRA ROCHA DA SILVA

**OS DIFERENTES TEMPOS DA ANTIGA IGREJA DE PILÃO ARCADO “VELHO”
NA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial (PPARQUE) da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Daltrini Felice.

SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

2024

Silva, Alessandra Rocha da

S586d Os diferentes tempos da antiga Igreja de Pilão Arcado “Velho” na Bahia /
Alessandra Rocha da Silva. – São Raimundo Nonato - PI, 2024.

99 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São
Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Daltrine Felice.

1. Lugares de memória. 2. Arqueologia da paisagem. 3. Igreja Matriz de Santo
Antônio de Pilão Velho - BA. I. Felice, Gisele Daltrini. II. Título. III. Universidade
Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF
Bibliotecária: Kênia Leandra Ferreira Alves CRB/15: 886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALESSANDRA ROCHA DA SILVA

OS DIFERENTES TEMPOS DA ANTIGA IGREJA DE PILÃO ARCADO

“VELHO” NA BAHIA

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, Campus Serra da Capivara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Aprovada em: 25 de março de 2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



GISELE DALTRINI FELICE

Data: 07/07/2024 20:04:10-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.ª. Drª. Gisele Daltrini Felice Orientadora – UNIVASF

Documento assinado digitalmente



ALENCAR DE MIRANDA AMARAL

Data: 05/07/2024 13:55:05-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Alencar de Miranda Amaral – UNIVASF

Documento assinado digitalmente



LEANDRO ELIAS CANAAN MAGESTE

Data: 05/07/2024 15:22:21-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste – UNIVASF

Documento assinado digitalmente



JARRYER DE JESUS PINHEIRO

Data: 06/07/2024 10:53:36-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dr. Jarryer de Jesus Pinheiro – UFS

Para minha família, meu pai Domiro, minha mãe Elza (*in memoriam*), minhas irmãs (Gadene e Daniela), minhas filhas (Elza Sofia e Helena) e ao Shilton, meu esposo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter permitido ter saúde, determinação para realizar essa pesquisa. Obrigada meu Deus.

À minha família, em especial cada um dos que eu vou citar agora. Meu pai Domiro por todo o incentivo e ajuda principalmente com minhas filhas (ao cuidar, levar e trazer da escola) te amamos muito vovô, minha mãe Elza (*in memorian*), enquanto eu respirar sempre vou lembrar de você mãe. Minhas irmãs Gadene e Daniela, muito obrigada por tudo, por me ajudarem sempre com suas sobrinhas, por nossa união. À vó Gildete, pelas histórias que ouço desde criança da região de Pilão Arcado na Bahia, te amo vó, ainda mais por ter gerado a minha Rainha, obrigada por ser tão presente na vida de suas netas e bisnetas, vó. Minhas meninas, Elza Sofia e Helena, mamãe ama muito vocês, as duas participaram diretamente e indiretamente da pesquisa da mamãe. Elza Sofia assistiu várias aulas do Mestrado com o papai e a mamãe, Helena participa desde a qualificação me dando força e coragem. Ao Shilton (meu marido, amigo e colega de profissão), muitíssimo obrigada meu companheiro de vida, pelas idas à campo, sugestões e apoio durante essa caminhada (amo a família que construímos).

À minha orientadora, professora Gisele Daltrini Felice, por tornar o mestrado bem mais leve, me ajudando desde o início, obrigada por todas as idas a campo no Pilão Arcado Velho e Novo, pela paciência e carinho com os entrevistados (cada um deles ganhou até fotos reveladas e ficaram muito felizes), por nossas viagens de barco, as conversas, os almoços na dona Raimunda, agradecida por todo apoio. Elza Sofia manda um beijo para a professora que levava a mamãe para o Pilão Arcado.

Aos motoristas Maninho, Marcos e Nelson, pelas viagens até o Pilão Arcado Novo.

Agradeço a todos os entrevistados que participaram dessa pesquisa, pelas conversas muito boas, cheguei a “viajar no tempo” com a memória daqueles que participaram diretamente ou indiretamente da realocação de Pilão Arcado Velho, principalmente com as memórias da Igreja, objetivo da pesquisa. Ir à Pilão Arcado velho é sempre muito satisfatório. Obrigada seu Roberto (barqueiro), por nos levar de barco todas as vezes no Pilão Velho. Obrigada dona Pequenita, seu Fernando, Professora Maria Niva, seu Amilson, seu Quinca, dona Raimunda, seu Sandoval e Alaíde, dona Juraci, seu Arivaldo e dona Helena.

A todos os professores do mestrado da UNIVASF, em especial à Gisele, Alencar, Mageste, Fátima Barbosa, pois nas disciplinas ministradas tínhamos mais do que aulas, tínhamos afetos. Vocês ajudaram de maneira ímpar a turma com todo o incentivo durante os semestres de aulas.

Agradeço muito à minha banca na qualificação, professores Alencar, Mageste e Bruno Vitor, por todas as dicas e contribuições para o amadurecimento da pesquisa.

Agradeço ainda a Kenia Leandra Ferreira Alves pelas preciosas correções da ABNT, adequações e diagramação.

Aos colegas da minha turma do mestrado, muito obrigada!

Aos arqueólogos de Remanso - BA, pela amizade desde à graduação, em especial à Suele Magalhães (mamãe da Ruth), amo vocês! Minha amiga sincera, irmã que a arqueologia me deu e que mesmo morando em outro estado está sempre presente e perguntando “tudo bem por aí?”. Aos amigos Nina Rosa e Caetano, Carol, Benjamim e Lázaro (beijos da Elza Sofia e da Helena).

Também à Marlene Costa (futura doutora, né amiga) pois sempre que eu preciso sei que posso contar com ela, por me ajudar com toda a formatação do texto, por ter me socorrido quando eu já estava cansada fisicamente, colaborando com toda a estrutura da dissertação, comentários, críticas e sugestões. Não mediu esforços para me ajudar, em pleno final de semana, por exemplo, podendo descansar, estava ali firme e forte comigo, muitíssimo obrigada minha amiga, torço muito pelo seu sucesso.

Agradeço também à sua irmã Marleide e minha prima Jussara, por terem me ajudado, e muito, com a minha Helena, recém-nascida em São Raimundo Nonato, sei que posso contar com vocês sempre, e tenho muita confiança em vocês, obrigada.

À Géssika Macedo por colaborar com sugestões desde que iniciei o mestrado principalmente às sugestões e críticas durante à qualificação, me ajudaram a refletir bastante. À sua irmã lunny por ter me ajudado com a Helena, recém-nascida, uma excelente doula e consultora em amamentação, muitíssimo obrigada.

Obrigada Jarryer pelo interesse em participar das idas ao Pilão Velho, sendo que nesse período de tempo você estava em seus campos de doutorado e eu nos campos do mestrado, não coincidindo datas favoráveis para nossa ida conjunta a campo com a presença da professora Gisele.

Ao Felipe Sales pelas parcerias de trabalho, sempre viabilizando às idas e bem estar com a logística nos campos, principalmente depois que me tornei mãe, levando

Elza Sofia para residir com a mamãe, nas cidades dos empreendimentos renováveis a serem construídos.

Não foi fácil ser uma mamãe mestranda, mas deu certo. Obrigada Deus! Obrigada mais uma vez a professora Gisele (Shilton sempre fala que ela foi minha fada madrinha no mestrado, haha!).

E a todos que me ajudaram com a pesquisa, o meu muito obrigada.

Há séculos atrás, o engenheiro já dizia, aqui será uma barragem, não sei quando nem para que dia, o povo e o rio enxarcado com gozação de anarquia. O engenheiro Halfeld, com um povo, pobre, uns pobrezinhos da cidade de Pilão Arcado, Remanso e Sento Sé e o Lago de Sobradinho. Hoje, com a barragem toda concluída, o povo não acredita e vive sempre a dizer, deixa as águas me levar, pois se aqui eu nasci, aqui eu quero morrer.

Arivaldo Juscelino de Almeida
(Pilãoarcadense entrevistado, mora no Pilão Arcado Velho).

RESUMO

O presente estudo apresenta a pesquisa realizada sobre as memórias das pessoas e a antiga igreja da cidade “original” de Pilão Arcado, localizada no norte do estado Bahia, na margem esquerda do rio São Francisco, quando na década de 1970, em consequência da criação da Barragem Hidroelétrica de Sobradinho, a cidade de Pilão Arcado foi relocada e transferida para uma distância de 24 km da cidade velha, restando apenas algumas edificações da antiga cidade que hoje é considerada zona rural e onde ainda residem algumas pessoas. No transcorrer dos anos, após a relocação da cidade de Pilão Arcado a igreja de Santo Antônio permanece como ruína e torna-se um artefato arqueológico que se destaca na paisagem testemunhando a história da “Pilão Arcado Velha” e reativando as lembranças guardadas na memória dos antigos moradores. Investigar como ocorrem as interações e as percepções das pessoas a respeito deste elemento que compõe a paisagem foi o objetivo desta pesquisa, o que permitiu verificar os significados de lugar sagrado e lugar de memória atribuídos à antiga igreja.

Palavras-chave: memórias; antiga igreja; pilão arcado; lugar sagrado; lugar de memória.

ABSTRACT

This study presents a research carried out on people's memories and the old church of the "original" city of Pilão Arcado, located in the north of the state of Bahia, on the left side of the São Francisco river, when in the 1970s, as a result of the creation of the Sobradinho Hydroelectric Dam, the city of Pilão Arcado was relocated and transferred to a distance of 24 km from the old city, with only a few buildings remaining from the old city, which today is considered a rural area and where some people still live. Over the years, after the relocation of the city of Pilão Arcado, the Santo Antonio's Church remains as a ruin and becomes an archaeological artifact that stands out in the landscape, testifying to the history of "Pilão Arcado Velha" and reactivating the memories of the former residents. Investigating how people's interactions and perceptions occur regarding this element that makes up the landscape was the objective of this research, which allowed to verify the meanings of sacred place and place of memory attributed to the old church.

Keywords: memories; old church; pilão arcado; sacred place; place of memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1: Localização de Pilão Arcado Velho, Povoado da Passagem e Pilão Arcado Novo.	16
Figura 2: Localização da Antiga Igreja de Santo Antônio no Pilão Arcado Velho.....	17
Figura 3: Ruínas da Antiga Igreja da Pilão Arcado Velho.	19
Figura 4: Interior da Igreja de Santo Antônio.....	20
Figura 5: Construção do espaço arqueológico/artefato arqueológico.	28
Figura 6: Localização dos locais onde ocorreram as entrevistas.	35
Figura 7: Mapa localizando o Baixo Médio São Francisco e as cidades no Norte da Bahia.	38
Figura 8: Igreja Matriz de Pilão Arcado velho Bahia 1957.....	42
Figura 9: Detalhe do ano de 1873 na fachada da Igreja de Santo Antônio.	42
Figura 10: Documento sobre Pilão Arcado publicado em 1893.....	43
Figura 11: Informações sobre Pilão Arcado no documento publicado em 1893, páginas 534 e 535.	44
Figura 12: Vista das ruínas da igreja de Santo Antônio no Pilão Arcado Velho.	48
Figura 13: Povoado da Passagem.	49
Figura 14: Barqueiro e Pescador senhor Roberto Bispo Pereira.....	50
Figura 15: Senhor Roberto Bispo Pereira nos conduzindo pelo Rio São Francisco..	50
Figura 16: Igreja Matriz de Santo Antônio de Pilão Velho.	51
Figura 17: Parte interna da Igreja com identificação arquitetônica e construtiva.....	51
Figura 18: Parte interna da Igreja Matriz de Santo Antônio de Pilão Velho.....	52
Figura 19: Senhora Natalina do Nascimento Ferreira.	52
Figura 20: Vista Frontal de parte das ruínas da Igreja de Santo Antônio.	53
Figura 21: Vista da parede externa e o fundo da Antiga Igreja de Santo Antônio.	53
Figura 22: Vista da Parte interna da Igreja de Santo Antônio.	54
Figura 23: Fluxograma do artefato antiga igreja de Santo Antônio do Pilão Arcado velho.....	54
Figura 24: Senhora Maria Niva Lima da Silva.	55
Figura 25: Senhor Joaquim Santos (Seu Quinca).	56
Figura 26: Senhora Maria Helena de Jesus.	58

Figura 27: Senhora Maria do Socorro Dias (Dona Pequenita).	59
Figura 28: a igreja sendo tomada pela água durante o primeiro período de inauguração da hidrelétrica.	60
Figura 29: Prancha 1- antigas casas atualmente habitadas no Pilão Arcado Velho.	61
Figura 30: Senhor Sandoval de Almeida.	62
Figura 31: Entrevistado Senhor Arivaldo Juscelino de Almeida.	62
Figura 32: Entrevistado Senhor Amilson Alves dos Santos.	63
Figura 33: Senhora Alaíde Rodrigues Santos.	65
Figura 34: Prancha 2- Registro externo da Igreja Matriz de São Antônio em Pilão Arcado Novo.	66
Figura 35: Detalhes técnicos sobre o sino da Igreja Matriz de Santo Antônio de Pilão Velho.	66
Figura 36: Dimensões do Sino.	67
Figura 37: Detalhe do Sino.	67
Figura 38: Detalhe do Sino.	68
Figura 39: Parte interna-nave central.	69
Figura 40: Altar-mor- Santo Antônio identificado com a seta vermelha.	69
Figura 41: Santos que adornam a Igreja matriz de Santo Antônio em Pilão Arcado Novo, BA.	70
Figura 42: Santo Antônio.	71
Figura 43: Senhora Raimunda Alves Borges.	72
Figura 44: Senhora Juraci Ribeiro Rodrigues.	73
Figura 45: Senhor José Fernando de Lacerda.	75
Figura 46: Senhora Gildete Dias da Rocha comigo Alessandra, sua neta.	76

Quadro

Quadro 1: As pessoas entrevistadas.	36
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CHESF – Companhia Hidroelétrica do São Francisco

CNSA – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PAV – Pilão Arcado Velho

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	23
2.1	DA PAISAGEM A ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM.....	24
2.1.1	Do lugar ao espaço arqueológico	26
2.1.2	Lugar de memória.....	30
2.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
3	O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÃO FRANCISCO	38
3.1	A ORIGEM DE PILÃO ARCADO E A IGREJA DE SANTO ANTÔNIO	40
3.1.1	A Igreja de Santo Antônio	41
3.1.2	O contexto dos trabalhos da Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco na região de Pilão Arcado	45
4	MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A IGREJA DE SANTO ANTÔNIO E PILÃO ARCADO VELHO	48
5	INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS COM A PESQUISA	79
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS.....	90
	ANEXO I - TÓPICOS E PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	96
	ANEXO II - LISTAS DE ENTREVISTAS E ORDEM DOS ENTREVISTADOS	98

1 INTRODUÇÃO

A concepção e realização desta dissertação têm um caráter extremamente pessoal, pois derivam das lembranças que guardo das histórias contadas pela minha família, presentes em minha memória desde a infância. De tal modo, meu trabalho de monografia na graduação foi sobre a antiga Igreja de Pilão Arcado e, continuo no mestrado com a mesma temática. Esta escolha é significativa para mim, pois, principalmente agora, na dissertação, não optaria por outro tema já que desejo aprofundar meus conhecimentos. Falar sobre o processo de realocação dos moradores daquela antiga cidade e visitar Pilão Arcado Velho é relembrar muitas histórias que sempre ouvi e ainda ouço, transmitidas e retransmitidas pela minha família materna. Portanto, esta pesquisa fortalece minhas relações familiares e minhas memórias, além de preencher lacunas e ampliar o entendimento das histórias transmitidas.

Quando fiz a minha primeira visita de campo para o mestrado em 2021, com a professora Gisele, lembrei do primeiro campo que fiz em 2015, pois fui com meus pais, e assim como eu, minha mãe, e meu pai ficaram encantados com a cidade antiga de Pilão.

Durante a minha graduação minha mãe estava viva, e durante o mestrado a dona Elza está *in memoriam*, então, escrever esta dissertação é lembrar da minha mãe andando comigo entre as ruínas da velha cidade, me ajudando nas fotos, e conversando com o pessoal que ali ainda reside. Naquela época, em 2015, quando estava fazendo o trabalho de campo para a pesquisa da monografia e conclusão da graduação em arqueologia, toda família foi envolvida no processo.

Portanto, existe hoje um grande vínculo com o lugar, uma sensação de pertencimento, de familiaridade e principalmente de boas recordações em relação à toda ajuda e apoio que minha mãe sempre me deu. Realizar esta pesquisa é em primeiro lugar relembrar da minha mãe..., de meu pai, e principalmente da minha avó que ainda hoje reside na localidade de Casa Verde, em Pilão Arcado e que sempre conta suas histórias de vida com muito entusiasmo.

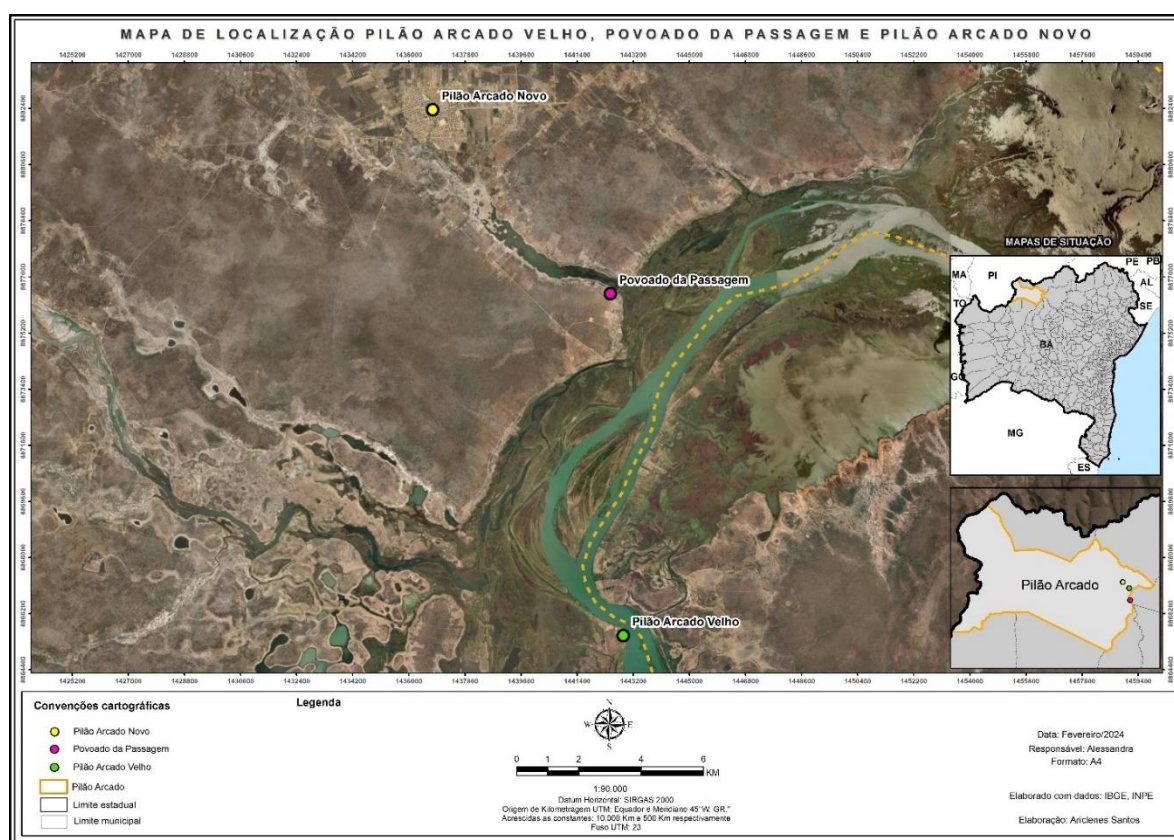
No que diz respeito ao histórico da relocação, durante os anos 1970, com a construção do Reservatório de Sobradinho, aproximadamente 72 mil indivíduos foram removidos das áreas ribeirinhas do Rio São Francisco para serem reassentados em novos municípios e vilarejos, como é o caso de “Pilão Arcado Velho” (Figuras 1 e 2),

localizado nas proximidades do que, naquela época, seria o maior reservatório artificial de água do mundo, o Lago de Sobradinho (Silva, 2016).

Esse lago afetou quatro cidades existentes e gerou a edificação de quatro novos centros urbanos: Casa Nova, Remanso Novo, Sento-Sé e Pilão Arcado Novo, bem como diversos povoados na Bahia (Silva, 2016).

As antigas cidades inundadas¹ há quase 50 anos, permanecem geralmente alheias às discussões e pesquisas que buscam verificar as consequências sociais e culturais destes processos de retiradas e reassentamentos de pessoas.

Figura 1: Localização de Pilão Arcado Velho, Povoado da Passagem e Pilão Arcado Novo.



Fonte: Google Earth (2022).

¹ Remanso, Casa Nova, Sento Sé e Pilão Arcado.

Figura 2: Localização da Antiga Igreja de Santo Antônio no Pilão Arcade Velho.



Fonte: Google Earth (2022).

Desta forma é pertinente e necessária a realização de estudos que busquem conhecer as sociedades que foram ou são historicamente excluídas ou impactadas por essas mudanças e, compreender as novas implicações trazidas pelos novos ambientes ocupados.

Além de promover novas pesquisas, é fundamental que as instituições e os pesquisadores responsáveis pelo patrimônio histórico se empenhem em identificar, preservar e extroverter esses contextos das ruínas das antigas cidades inundadas, além de efetivar sua caracterização e preservação como sítios arqueológicos históricos². Essas ações visam não apenas evidenciar os locais de memória, mas também resguardar a história desses espaços para as futuras gerações.

² Tratam deste tema as seguintes pesquisas: SOUSA, Felipe James Silva de. **Arqueologia da Paisagem: negociações sociais na construção da cidade de Sobradinho-BA**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2018
 SOUZA, Sara Oliveira de. **Atributos conservados e modificados nos cemitérios de Remanso-BA**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2016.
 CERQUEIRA, Suelle Magalhães. **As casas de farinha de Remanso – BA: patrimônio cultural Sertanejo**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2016.

A nova cidade de Pilão Arcado foi implantada a uma distância de 24 km de Pilão Arcado Velho, sendo que a sede da antiga cidade não foi totalmente inundada, tendo sofrido os primeiros impactos no período da primeira cheia e depois que a subida das águas cessaram as partes mais elevadas ficaram emersas.

A barragem foi finalizada no final de 1977 e sua inauguração oficial ocorreu em maio de 1978 e o rio São Francisco e o lago de Sobradinho constituem os principais recursos hídricos da região.

A abundância de água e a possibilidade da pesca, sempre foram o grande atrativo para as pessoas se estabelecerem de forma definitiva ou sazonal em Pilão Arcado Velho.

A dinâmica da construção do Lago de Sobradinho e a subsequente realocação da sede de Pilão Arcado Velho desencadearam mudanças significativas nas esferas ambientais, sociais e econômicas, impactando os aspectos culturais e remodelando a paisagem. Essas transformações ressaltam a importância de pesquisas, como a presente, que buscam compreender e documentar as consequências desse processo de realocação na história e memória das pessoas, no espaço, no lugar e no elemento marcante da paisagem que é a antiga igreja Matriz de Santo Antônio de Pilão Arcado Velho (Figura 3).

Figura 3: Ruínas da Antiga Igreja da Pilão Arcado Velho.



Fonte: Felice (2021).

Ainda hoje é possível avistar de longe parte do que foram as sólidas paredes da igreja, que atingem pouco mais de treze metros de altura na porção mais alta da ruína na fachada. Restando ainda parte das paredes laterais e do fundo, além das aberturas das portas, janelas, arcos e as divisões dos seus espaços internos (Figura 4) que formam o conjunto da ruína, onde elementos da história, da técnica e dos materiais construtivos estão presentes permitindo que a ruína da igreja seja considerada como artefato arqueológico.

Figura 4: Interior da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Felice (2021).

Neste estudo, a categoria artefato é atribuída, não apenas pela persistência como uma estrutura na paisagem, mas por ser a antiga igreja um elemento catalisador para a ressurgência da memória das pessoas e por contribuir para a composição do patrimônio cultural da região.

Para que as casas e a cidade fossem deixadas e a barragem pudesse ser construída, a estratégia de convencimento de retirada das pessoas pela Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco (CHESF) apoiada pelos políticos locais, direcionou e enfatizou que aqueles que aceitassem imediatamente o processo de realocação receberiam mais benefícios. Por outro lado, alertaram que aqueles que demorassem em responder ou se posicionar poderiam perder os benefícios. Esse

cenário viabilizou o processo de realocação baseado no estabelecimento de pressão para que os habitantes aceitassem a mudança.

Ocorrida a mudança, a formação do lago artificial e a implantação da Barragem de Sobradinho o destino da Velha Pilão é o desaparecimento, enquanto a nova cidade surge para receber os habitantes da antiga zona urbana de Pilão Arcado Velho.

Desta forma, as pessoas precisaram se adaptar ao novo local de moradia iniciando uma nova fase das suas histórias de vida e de vínculo com o lugar, dando continuidade à dinâmica de ocupação do espaço de acordo com as inter-relações ambientais, econômicas, sociais e culturais, demonstrando que o espaço não é estático, mas sim construído e reconstruído ao longo do tempo.

A antiga igreja é um notável testemunho arquitetônico da história e possui o poder de reacender as memórias dos antigos habitantes, permitindo que sejam investigadas as interações e percepções das pessoas em relação a esse elemento icônico que compõe a paisagem.

Portanto, a presente pesquisa busca os significados atribuídos a antiga igreja ao longo do tempo e a sua inter-relação com a paisagem. O que leva desta forma que a temática de estudo esteja baseada na interseção entre a Arqueologia da Paisagem, Espaço, Lugar e Memória Coletiva.

De forma concisa Arqueologia da Paisagem, conforme discutida por estudiosos como Thomas (2001), Boado (1991) e Santos (1988; 2002; 2006), versa sobre as interações complexas entre indivíduos, espaço e ambiente ao longo do tempo. Essa abordagem investiga elementos como topografia, recursos naturais, redes de comunicação e práticas sociais e econômicas, com o objetivo de compreender como as comunidades do passado percebiam, utilizavam e alteravam o espaço ao seu redor. Além disso, busca entender as influências mútuas entre a materialidade construída e o ambiente natural, destacando a dinâmica entre esses elementos.

Por outro lado, a memória coletiva, conforme proposta por Maurice Halbwachs (1877-1945), refere-se às "lembranças compartilhadas por um grupo ou sociedade sobre eventos, experiências e valores do passado". Essas memórias são acessadas e compreendidas à medida que são contextualizadas com os dados fornecidos pela arqueologia e pelo estudo do espaço.

Dessa forma, a interseção entre a Arqueologia da Paisagem e a memória coletiva auxilia na compreensão das sociedades passadas, viabilizando que os dados arqueológicos sejam interpretados à luz das memórias compartilhadas pelas

comunidades, contribuindo para uma narrativa mais completa e contextualizada do passado.

Desta forma o objetivo principal da presente pesquisa foi investigar as interações e percepções das pessoas em relação as ruínas da antiga Igreja Matriz de Santo Antônio localizada na cidade de “Pilão Velho”, enquanto os objetivos específicos foram:

- Identificar as pessoas que vivem nas áreas próximas a antiga igreja de Pilão Arcado;
- Correlacionar as dinâmicas ambientais e as dinâmicas sociais na área da antiga igreja da velha Pilão Arcado;
- Verificar como ocorre a relação entre as pessoas que moram no entorno da antiga igreja com este patrimônio;
- Identificar os impactos sociais e patrimoniais causados pela realocação da cidade de Pilão Arcado;
- Averiguar qual o significado que hoje é atribuído à antiga igreja;

Esta dissertação está organizada da seguinte forma:

Na Introdução, a escolha do tema, a justificativa e os objetivos da pesquisa são apresentados.

O Capítulo 1 trata do referencial teórico onde os conceitos de Paisagem, Arqueologia da Paisagem, Lugar Sagrado e Lugar de Memória. Este capítulo traz ainda os procedimentos metodológicos e as técnicas utilizadas para a realização da pesquisa

O contexto histórico do São Francisco, a origem de Pilão Arcado, a Igreja de Santo Antônio e os trabalhos da CHESF na região, fazem parte do Capítulo 2.

No capítulo 3 são apresentadas as memórias e as narrativas sobre a Igreja de Santo Antônio e sobre Pilão Arcado Velho, enquanto a interpretação dos dados obtidos constituem o capítulo 4.

A dissertação é concluída com as considerações finais seguidas pelas referências bibliográficas e anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Compreende-se nesta pesquisa que cultura material constitui toda materialidade produzida ou modificada pelo homem. Sendo importante ressaltar que na Arqueologia é fundamental que esta materialidade esteja presente em contexto arqueológico (Cascon, 2012). Um contexto arqueológico se refere ao ambiente ou situação em que essas materialidades são encontradas durante as prospecções e escavações arqueológicas, ou estudos de campo. Esse contexto inclui não apenas os objetos físicos em si, mas também, os lugares, os espaços, as paisagens que carregam ou contêm resquícios da intervenção humana.

Dentre as várias “vertentes arqueológicas” disponíveis para as pesquisas, a Arqueologia da Paisagem se mostra como a mais promissa para embasar os estudos da relação entre as pessoas, os artefatos e o ambiente, levando em consideração como as paisagens foram moldadas e utilizadas pelas sociedades do passado ou mesmo do presente, de forma a enfatizar a importância do contexto espacial, na delimitação e transformação do espaço em lugar, (Thomas, 2001; Tilley, 1994; Boado, 1991; Santos, 1988; Ingold, 1993) sem a ambiguidade do público ou privado,

Conforme destacado por Ferreira (2007, p. 15),

O espaço privado mantém uma ligação intrínseca com a sociedade por meio do espaço público. Neste último, o indivíduo, ao interagir com outros indivíduos conectados por seu contexto social, assumem um papel ativo no desenvolvimento e na transformação de seu ambiente. Isso possibilita que ele exerça a "capacidade política de ser aberto".

No tocante, aos espaços público e privado, estes estão interligados de forma dependente e amplamente aberta, o que os torna virtualmente ilimitados. Para estabelecer limites, esses espaços são delineados em lugares específicos.

Deste modo, as igrejas, particularmente as católicas, podem ser percebidas como lugares específicos e ainda parcialmente públicos, concebidos dentro do universo simbólico que reflete crenças, orientações comportamentais, ideologias e até mesmo questões de poder.

A abordagem da materialidade na prática arqueológica abarca o estudo e a compreensão de diversos grupos sociais, desde a pré-história até os dias atuais. Envolve a análise de uma ampla gama de vestígios, que vão desde pequenos artefatos até grandes monumentos ou ainda feitos históricos e paisagísticos. Dentro

desta abordagem, a preservação patrimonial emerge como fator determinante para a existência e continuidade da materialidade. No entanto, a preservação de um bem requer não apenas interesse, mas também reconhecimento de sua importância social e ações de conservação.

Assim, a antiga igreja de Santo Antônio que continua presente na paisagem de Pilão Arcado Velho e permanece ao longo dos anos como tema recorrente nas conversas dos habitantes locais, evidencia sua relevância social e cultural. A persistência dessa estrutura, sua condição de ruína e as lembranças das pessoas sobre ela, proporcionam a base para a realização desta pesquisa, que se concentra na Arqueologia da Paisagem, respaldada pela memória coletiva e pelo lugar sagrado, onde a igreja/ruína/artefato e sua contextualização remete a algo maior que é o sítio arqueológico onde está inserido o artefato.

2.1 DA PAISAGEM A ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

Inicialmente, na perspectiva histórica da arqueologia entusiasmada pelas outras ciências como a geografia, sociologia, ciências da terra, entre outras, a paisagem era frequentemente concebida como um mero cenário que fornecia recursos essenciais para a sobrevivência humana, ou como um espaço passível de ser visualmente explorado e delimitado topograficamente, identificando espaços arqueológicos (como sítios arqueológicos) com base na presença e ausência de vestígios materiais. Nesse contexto, a paisagem era utilizada como um elemento descritivo nos estudos de contexto ambiental (Binford, 1982; Zedeño, 1997).

Conforme o conceito de paisagem vai se tornando cada vez mais aprofundado e a compreensão sobre o elemento paisagem passa a refletir a interação de grupos humanos, ambiente, sociedade, com uma gama complexa e dinâmica destas relações, a paisagem se fortalece como objeto de estudo em diferentes disciplinas e ciências.

Segundo Santos (1988), tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (Santos, 1988, p. 21).

A paisagem pode ainda ser compreendida de acordo com Santos (2002), como a soma das formas físicas do ambiente, englobando características como o relevo, a

vegetação, os corpos d'água, as edificações e outros elementos tangíveis do espaço geográfico. Estes elementos, em um determinado momento, evidenciam as marcas das interações entre os seres humanos e o meio ambiente.

Para Honorato e Faccio (2014), o termo paisagem é utilizado há mais de mil anos, sendo uma derivação da palavra alemã *Landschaft* (Troll, 1997 *apud* Guerra; Marçal, 2006), sofrendo variações linguísticas, estéticas e descritivas ao longo do tempo (Christofolletti, 1979) e sofrendo ainda variações epistemológicas.

São essas variações epistemológicas, que possibilitaram incorporar para além da paisagem, uma arqueologia da paisagem com a noção de percepção da paisagem, que se baseia na distinção entre a pessoa interna e externa, mas onde ambas se complementam. Nessa perspectiva, as informações obtidas do mundo exterior são internalizadas e utilizadas para formar uma representação mental do ambiente circundante. Em outras palavras, a percepção da paisagem não se limita à sua observação física, mas também envolve como os indivíduos se veem e se relacionam consigo mesmos e com o mundo ao seu redor (Tayllor, 1993).

Deste modo, a partir das informações sensoriais recebidas do ambiente, como visão, audição, tato, olfato e paladar, bem como das experiências passadas, conhecimentos prévios e crenças individuais a paisagem vai sendo percebida. Essa imagem mental não é uma cópia exata do ambiente físico, mas uma interpretação pessoal e subjetiva que pode ser influenciada por vários fatores, como emoções, expectativas e memórias. Essa representação mental é fundamental para orientar o comportamento e as interações de uma pessoa com o ambiente, ajudando-a a se situar, tomar decisões e se adaptar às diferentes situações que enfrenta (Lynch, 1960).

Para Ingold (1993; 2000) as paisagens são os registros permanentes das sociedades que as criam e as transformam constantemente, deixando desse modo as marcas dos seus habitantes. Logo, a interação entre os elementos sociais e físicos do ambiente é fundamental para a formação dinâmica e dialética das paisagens. Nesse processo, os sujeitos não apenas agem para construí-la, mas também são influenciados por ela.

As definições de paisagem anteriormente conceituadas não são excludentes, mas complementares e permitem pensar nos diferentes elementos que compõem a paisagem como os objetos naturais e sociais, acumulados ao longo do tempo por muitas gerações, conforme escreveu Milton Santos em 1985.

Para Honorato (2009, p. 130), a arqueologia da paisagem possui como estratégia de pesquisa a “mínima intervenção” no registro arqueológico, na tentativa de inferir sobre o modo de ocupação das populações que habitaram o território.

Ainda segundo Honorato (2009, p. 130), na arqueologia a paisagem torna o espaço visível pelo pesquisador, onde ele concentra seus estudos na busca de entender as sucessivas ocupações humanas em uma mesma paisagem e como ocorrem transformações ao acessar o contexto e suas particularidades, portanto, quando se refere a “mínima intervenção” esclarece que o trabalho arqueológico não necessariamente precisa seguir os modelos tradicionais de pesquisa com escavações e intervenções de subsolo.

Em suma, a paisagem é um reflexo dos diferentes momentos de uma sociedade, sendo dinâmica e influenciada pelos movimentos de indivíduos e ou grupos de pessoas, com ideias e materialidades.

2.1.1 Do lugar ao espaço arqueológico

O lugar é uma construção humana resultante das interações entre o material e o simbólico. Dentro dessa concepção, existem os chamados "lugares persistentes", caracterizados por ocupações espaciais prolongadas de forma repetitiva ao longo do tempo, em função de determinadas peculiaridades históricas, econômicas, políticas, sociais, religiosas ou culturais. Essas características se refletem na distribuição e formação do registro arqueológico (Schalanger, 1992).

De acordo com as peculiaridades citadas, as religiosas estão normalmente aquelas que viabilizam a constituição do denominado Lugar Sagrado, que por sua vez está presente em diversas tradições culturais ao redor do mundo. Refere-se a espaços físicos considerados especiais, reverenciados e dotados de significado espiritual, onde se acredita que há uma conexão direta com o divino, o transcendente ou o sobrenatural. Os lugares sagrados podem variar amplamente em sua natureza e forma, incluindo templos, santuários, montanhas, rios, bosques, cavernas, entre outros. Eles desempenham um papel fundamental nas crenças e práticas religiosas das comunidades que os consideram sagrados, servindo como pontos de encontro entre o mundo terreno e o mundo espiritual (Tunner, 1967; Eliade, 1992).

Na maioria das vezes, esses lugares são recortes de um “espaço maior”, sendo que para Foucault (1975; 1978; 1980) o espaço não é apenas um cenário neutro onde

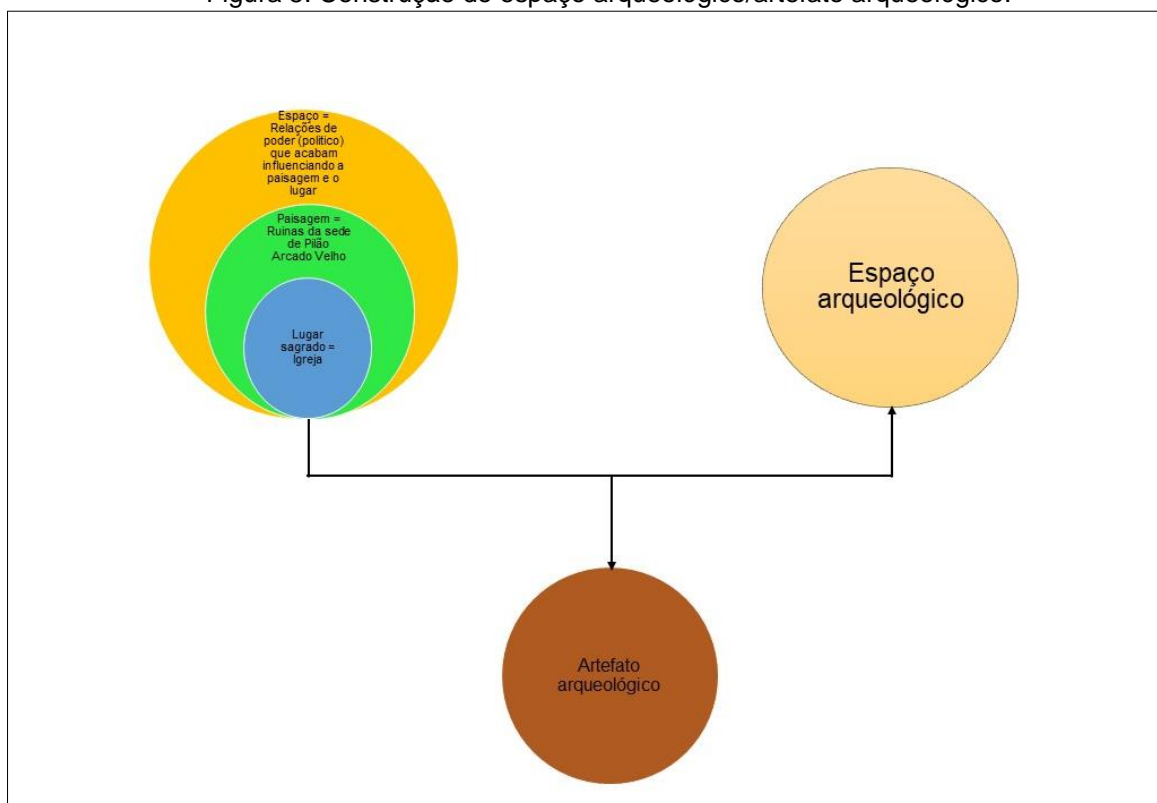
eventos ocorrem, mas é ativamente construído e moldado por relações de poder e formas de saber, logo, esse espaço não é uma entidade estática, mas dinâmica que regula e controla os corpos e as ações dos indivíduos. Ele descreve o espaço como um campo de forças no qual diferentes poderes competem e se manifestam, influenciando a maneira como as pessoas se comportam e interagem.

As relações descritas por Foucault, podem ser observadas no movimento para a realocação dos mais de 72 mil habitantes na época de construção do lago de sobradinho, onde o poder político federal e local foi exercido com a justificativa de que a implantação de uma hidrelétrica, traz mais benefício econômico, social e desenvolvimento para o país, podendo desta forma se sobrepor a manutenção dos vínculos afetivos, patrimoniais, econômicos e culturais dos habitantes ao longo dos mais de 150 anos no seu local de “origem”, levando em consideração o processo de formação do território³.

Para Boado (1991) o espaço está associado à arqueologia da paisagem, que busca compreender os lugares e paisagens do passado a partir de uma abordagem interdisciplinar, utilizando não apenas os vestígios materiais, mas também os processos sociais e culturais que os moldaram. Ainda segundo Boado (1991), o espaço arqueológico é entendido como um conjunto de relações materiais e sociais que se estabelecem entre os elementos físicos e os seres humanos ao longo do tempo (Figura 5):

³ Nesta pesquisa, o termo "território" engloba o processo de desenvolvimento de vilarejos até a fundação de cidades, que ocorreu no Nordeste no século XVIII.

Figura 5: Construção do espaço arqueológico/artefato arqueológico.



Fonte: Elaboração da autora (2024).

O espaço arqueológico referido nesta pesquisa, compreende toda a dinâmica da paisagem e suas relações socioambientais, culturais, econômicas e de poder no local onde hoje existe na prática um Sítio arqueológico histórico (apesar de não possuir um registro formal e oficial⁴), onde estão dispersos os elementos que formam o conjunto arquitetônico das ruínas de Pilão Arcado Velho, ao qual a antiga igreja de Santo Antônio faz parte.

Nesse lugar eclesiástico⁵, observa-se uma hierarquia social clara, com distintos papéis e responsabilidades atribuídos aos membros da comunidade religiosa. Além disso, a presença de poderes econômicos pode ser verificada, tanto na gestão dos recursos da própria instituição quanto nas doações e contribuições dos fiéis. A igreja muitas vezes também desempenha funções de serviços públicos e privados, oferecendo assistência espiritual, educacional, social e de saúde para seus membros e para a comunidade em geral.

⁴ Cadastro no CNSA/IPHAN

⁵ Vai para além do monumento, compreende os processos políticos e sociais da igreja como entidade.

No espaço da igreja a simbologia realiza um papel fundamental, desde os símbolos religiosos presentes na arquitetura e decoração até os rituais e cerimônias realizadas no ambiente sagrado. Esses elementos simbólicos ajudam a construir e reforçar a identidade religiosa e cultural dos fiéis, proporcionando um sentido de pertencimento e comunhão espiritual dentro da comunidade eclesíastica (Eliade, 1959; Geertz, 1973; Foucault, 2011; Bourdieu, 1979; 1989).

Dentre os diversos elementos formadores da paisagem o espaço das igrejas são geralmente considerados sagrados principalmente pelos fiéis, pois os lugares sagrados são espaços onde o divino se conecta com o humano, onde o sagrado se separa do profano. Segundo Eliade (1992), esses lugares estão intrinsecamente ligados à religião⁶ e a fé, e, para os devotos, não são homogêneos, variando de acordo com as crenças, práticas sociais, contextos espaciais e culturais. Frequentemente, esses locais são associados a práticas de culto, peregrinações, cerimônias, rituais e podem estar relacionados a eventos históricos, figuras religiosas ou fenômenos naturais considerados grandiosos.

Segundo Halbwachs (1968) a separação entre o sagrado e o profano se materializa no espaço. As igrejas católicas exemplificam essa materialidade de forma clássica: a distribuição e o arranjo das partes de uma igreja atendem às necessidades do culto, inspirando-se nas tradições e pensamentos do grupo religioso. Esse arranjo impõe aos membros do grupo uma organização e atitudes específicas, gravando em suas mentes um conjunto de imagens tão determinadas e imutáveis quanto os ritos, preces e elementos do dogma. Em todos os lugares, encontram-se imagens de Deus, dos apóstolos e dos santos, reforçando a sacralidade do espaço (Halbwachs, 1968).

Ainda de acordo com Halbwachs (1968, p. 144-160):

A Igreja não é somente onde se reúnem os fiéis é o recinto no interior do qual não penetram as influências do meio profano. Primeiro pelo seu aspecto interior, ela se distingue de todos os lugares de reunião, de todos os recintos da vida coletiva. A distribuição e o arranjo de suas partes respondem as necessidades do culto e se inspira em tradições e pensamentos do grupo religioso.

As pessoas que participam das cerimônias religiosas e rituais guardam as lembranças dos fatos, quer seja pela participação direta, quer seja ouvindo as histórias

⁶ Conjunto de crenças, práticas sociais ligadas ao divino, ao sagrado.

referentes aos eventos ocorridos, desta forma uma igreja pode ser ainda lugar sagrado e lugar de memória concomitantemente.

2.1.2 Lugar de memória

Pierre Nora é um historiador francês conhecido por sua obra "Les lieux de mémoire"⁷ (Lugares de Memória), publicada entre 1984 e 1992. Para este autor, os lugares de memória são locais físicos, funcionais e simbólicos que desempenham um papel importante na preservação e na evocação da memória coletiva de uma sociedade (Nora 1984,1992 tradução de Khoury, 1993).

Esses lugares carregados de sentidos, são estudados por autores como Maurice Halbwachs (1877-1945), Michael Pollak (1989; 1992), que buscam verificar como as memórias dão suporte para o lugar.

De acordo com Nora (1993), Pollak (1992) e Halbwachs (1877-1945), a memória coletiva é um fenômeno complexo e multifacetado que é moldado por interações sociais, representações simbólicas e poder político. Ela é mantida por meio de lugares de memória, rituais compartilhados e narrativas históricas, mas também pode ser influenciada pela supressão seletiva de certos eventos e pela disseminação de informações através dos meios de comunicação.

Dentro desse percurso para Pierre Nora (1984-1992 tradução de Khoury, 1993) a memória

É a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética das lembranças e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações.

Logo, a memória reflete a compreensão de que a memória coletiva de uma sociedade é constantemente moldada e reinterpretada por aqueles que a vivenciam. Ela está intrinsecamente ligada à identidade e à continuidade cultural de um grupo humano.

⁷ A coletânea completa de Pierre Nora, consiste em sete volumes publicados entre 1984 e 1992. Cada volume aborda os diferentes aspectos e exemplos de lugares de memória na França. 1. Les lieux de mémoire, tome I: La République (1984) 2. Les lieux de mémoire, tome II: La Nation (1986) 3. Les lieux de mémoire, tome III: Les France (1986) 4. Les lieux de mémoire, tome IV: Les France (1986) 5. Les lieux de mémoire, tome V: La Nation (1992) 6. Les lieux de mémoire, tome VI: Les France (1992) 7. Les lieux de mémoire, tome VII: Les France (1992)

Ao reconhecer que a memória coletiva está em constante dinâmica sendo a soma de lembranças memorizadas e ou apagadas, estamos cientes de que ela não é estática nem imutável. Ela é influenciada pela dinâmica das interações sociais, pelas mudanças culturais e pelas novas experiências vividas pelo grupo ao longo do tempo.

A dialética das lembranças e do esquecimento também é uma parte crucial desse processo. Nem todas as lembranças são igualmente valorizadas ou retidas, e o esquecimento pode ocorrer tanto de forma natural quanto como resultado de processos seletivos ou mesmo de manipulações deliberadas. É importante reconhecer a vulnerabilidade da memória a diversos usos e manipulações, seja por motivos políticos, ideológicos, ou outros interesses (Nora, 1992 tradução de Khoury, 1993; Halbwachs, 1977-1945; Pollak, 1989; 1992).

Segundo Pollak (1993) a memória coletiva não é apenas construída por meio da lembrança ativa, mas também pela exclusão seletiva de certos eventos e narrativas

Nora (1992) exemplifica alguns lugares de memória como os monumentos e memoriais; as instituições culturais; os lugares de culto; os lugares históricos e os locais simbólicos. De acordo com o autor, esses lugares não apenas preservam a memória coletiva de uma sociedade, mas também ajudam na conexão com o passado e na construção de uma identidade compartilhada.

Conforme demonstrado, o espaço de uma igreja incorpora, portanto, os sentidos do lugar sagrado e de memória. No caso específico da igreja de Santo Antônio na “Velha Pilão Arcado”, foi local de expressão espiritual e interação social, podendo ser considerada deste modo um bem cultural.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa, foram aproveitados os conhecimentos prévios adquiridos durante a elaboração do trabalho de conclusão de curso intitulado Fragmentos Da História De Pilão Arcado – BA (Silva, 2016). Na época o principal objetivo da monografia foi de iniciar o levantamento e contextualização do patrimônio edificado da cidade de “Pilão Arcado Velho”.

Deste modo, os conhecimentos e dados previamente adquiridos serviram para direcionar os métodos e as técnicas aplicados nesta dissertação.

A primeira perspectiva para a realização da investigação, foi a de buscar pessoas que pudessem fornecer informações e dados sobre a antiga igreja de Pilão

Arcado Velho, na Bahia, e que pudessem relatar a relação que tinham com a igreja antes da realocação da cidade e a relação que têm agora com as ruínas da igreja. Para obter as informações e relatos almejados é preciso ouvir e documentar as narrativas das pessoas, tornando, portanto, a memória uma ferramenta fundamental na construção do método utilizado.

As características intrínsecas ao estudo da memória, conforme escreve Dores (1997), precisam considerar o caráter subjetivo inerente à memória, já que envolvem sentidos, sentimentos e a sensibilidade dos indivíduos, o que caracteriza um método qualitativo de pesquisa.

A referida autora utiliza Tompson (1992 *apud* Dores 1997) para enfatizar que o comportamento do pesquisador deve ser respeitoso, solidário e sensível, quando trata de conhecer a história de vida das pessoas.

Dores (1997), coloca ainda que utilizar a memória como método de pesquisa implica fatalmente em um estudo pautado no relato oral, com o contato direto entre pessoas e suas diversidades e com a utilização da técnica de entrevistas, do registro e da transcrição das conversas (Dores, 1997).

A memória para as ciências humanas representa o fenômeno social e é a “produtora de sentidos e de representações, como o espaço privilegiado onde o individual e o social, o privado e coletivo, o passado e o presente se articulam, adquirindo significado único” (Souza, 2007 p. 12-13).

No que diz respeito às fontes orais Souza (2007) considera que:

o narrador busca representar-se como um ser coerente no tempo e no espaço. A narrativa é a representação da vida e do mundo no qual o sujeito está inserido. Racionalidade e irracionalidade, consciente e inconsciente, presente e passado, subjetivo e coletivo interagem na configuração que o indivíduo dá a si, aos fatos que viveu e que vai narrar, tendo como mediadora permanente a memória (Souza, 2007, p. 12).

A transformação de um relato oral em documento escrito refletiu nesta pesquisa a necessidade de utilização do segundo método de investigação caracterizado pela História Oral.

A História Oral de acordo com Freitas (2006, p.18), “é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”, que tem como finalidade criar fontes

históricas que podem ser utilizadas para auxiliar na reconstituição do passado, através dos relatos das histórias de vida dos indivíduos.

Para a autora, dentre os tipos de enfoques das entrevistas é possível que seja abordado um tema específico sobre o qual várias pessoas poderão relatar, o que conseqüentemente resulta em uma maior quantidade de informações, que poderão ser comparadas a respeito de um mesmo tema “apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva” (Freitas, 2006, p. 22).

No que diz respeito a realização da entrevista, o pesquisador precisa elaborar previamente a definição dos temas a serem abordados e utilizar a trajetória de vida do entrevistado como elemento norteador do diálogo.

Gonçalvez e Lisboa (2007, p. 90)⁸ ressaltam que:

a técnica trajetória de vida é construída por meio da conversação com pessoas sobre sua experiência e memória. Ela ocorre através de um trabalho de campo onde é essencial que ocorra um processo de interação entre o pesquisador e os sujeitos que se colocam à disposição para compartilhar os fatos de sua vida. Um fator importante a ser observado pelo pesquisador é o espaço físico onde serão realizadas as entrevistas. Este deve permitir que o diálogo possa ser realizado de forma espontânea e ao mesmo tempo reservada. As entrevistas devem ser marcadas mediante contatos prévios, o local, data e horário do encontro definidos, o objetivo da entrevista deve ser esclarecido. Sugere-se que seja dada especial atenção à técnica de gravação, no sentido de testar o aparelho, evitando correr o risco de perder informações valiosas; solicitar permissão para gravar; preparar o ambiente, evitar situações constrangedoras, proporcionar um diálogo franco e aberto, estabelecendo uma relação de empatia com o sujeito entrevistado.

As autoras escrevem ainda sobre o processamento das entrevistas e ressaltam que:

O tratamento dos dados obtidos na pesquisa é uma etapa que merece destaque, pois exige a atenção do pesquisador em relação à totalidade do processo. Esta fase da pesquisa se constitui basicamente na de transcrição das entrevistas e é importante conferir a fidelidade do conteúdo. Especial atenção devem merecer também,

⁸ Rita de Cássia Gonçalves e Teresa Kleba Lisboa escrevem no **Ensaio sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida**, quando tratam **Acerca dos pressupostos da pesquisa qualitativa que:** A pesquisa qualitativa tem sido resgatada nas ciências sociais por se considerar que ela abarca uma relação inseparável entre o pensamento e a base material, entre a ação de homens e mulheres enquanto sujeitos históricos e as determinações que os condicionam, entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos pesquisados. Esta forma de abordagem tem sido valorizada, uma vez que trabalha com o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundando um lado não perceptível das relações sociais e permitindo a compreensão da realidade humana vivida socialmente. (Gonçalvez e Lisboa, 2007, p.84) *Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 83-92 2007*

os silêncios, os suspiros seguidos de silêncio, os choros, as emoções, enfim, o 'não dito', que poderão constituir-se em importantes fontes de análise. Se acontecerem falhas no equipamento de gravação durante a entrevista, sugere-se que o pesquisador anote o maior número de depoimentos possíveis imediatamente após a conversa, para que possa aproveitar o que permanece no frescor da memória. (Gonçalvez; Lisboa, 2007, p. 90)

A forma de realizar a entrevista deve viabilizar a abordagem de uma diversidade de temas, conforme consideram Assis e Amaral (2020) sugerindo “entrevistas semiestruturadas, sem a definição de um roteiro prévio, mas com alguns eixos temáticos definidos”, com o objetivo de facilitar o diálogo (Assis; Amaral, 2020 p.170).

As caracterizações, anteriormente feitas, sobre a memória e a história oral como métodos de investigação científica, estabelecem que a inter-relação destes métodos consiste na estrutura metodológica construída para a presente pesquisa.

As técnicas utilizadas abarcam o relato oral, entrevista, registro e transcrição. A entrevista por sua vez, foi semiestruturada e envolveu temas específicos relacionados a história de vida das pessoas. No caso da presente investigação, os temas centrais foram:

- A antiga igreja de Santo Antônio;
- A cidade de Pilão Arcado Velho;
- A construção da Barragem e retirada das pessoas;
- A realocação e a Nova cidade de Pilão Arcado e
- A relação atual com o Pilão Arcado Velho e com as ruínas da igreja.

Quanto ao registro, após as explicações e esclarecimentos sobre a pesquisa e tendo sido concedida a devida autorização, os relatos orais foram gravados e o relator/relatora foi fotografado/fotografada. Ao menos uma foto de cada pessoa foi impressa e entregue a mesma em encontros posteriores.

O registro no caderno de campo de parte das informações, também foi realizado.

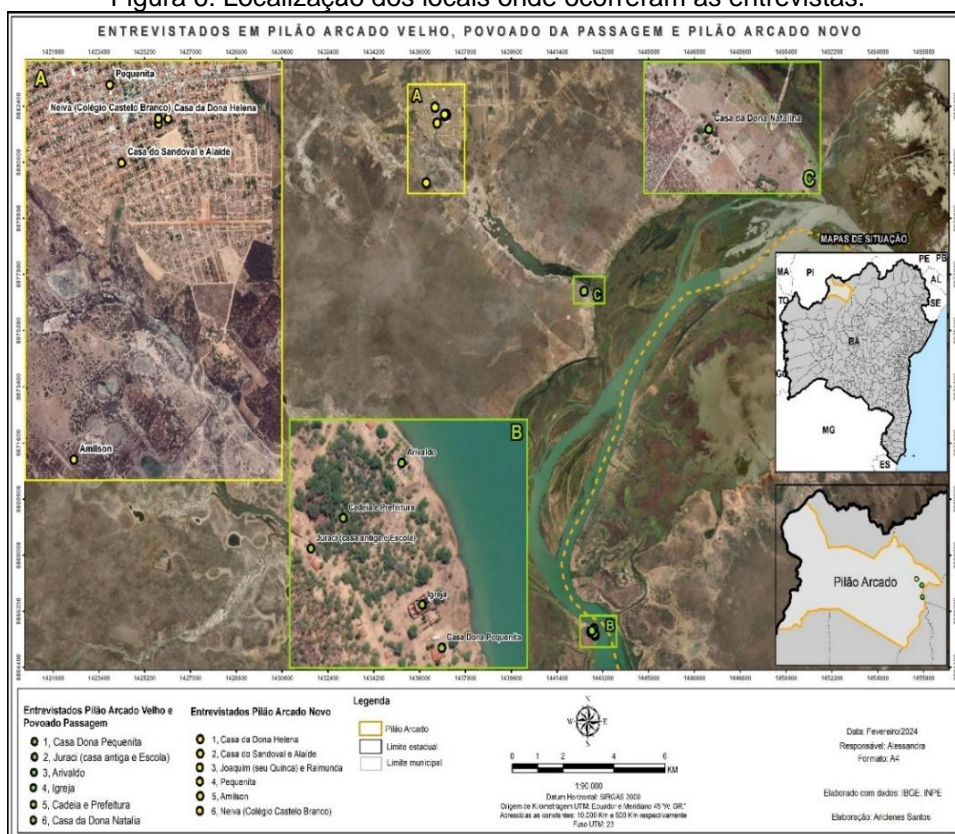
As entrevistas foram gravadas com o celular utilizando o aplicativo gravador de som.

No que diz respeito a transcrição das entrevistas o programa utilizado foi o aplicativo pago Transkriptor.

Os áudios das narrativas registradas durante as entrevistas foram guardados no e-mail do drive, em um HD, e também na memória interna do celular utilizado.

Os locais onde as entrevistas aconteceram, foram documentados com fotografia georreferenciada, utilizando o aplicativo Timestamp Camera Free e ainda localizados com o GPS Garmin, cujas coordenadas obtidas foram plotadas na imagem do Google Earth (Figura 6).

Figura 6: Localização dos locais onde ocorreram as entrevistas.



Fonte: Santos (2024).

Ainda no que diz respeito aos registros, as ruínas da antiga igreja e algumas das casas existentes no Pilão Arcado Velho, bem como demais elementos da cultura material citados em entrevistas, demandaram o registro fotográfico como documentação.

O critério utilizado na escolha das pessoas a serem entrevistadas foi a manutenção da relação com o Pilão Arcado Velho, como moradores atuais e ou pessoas indicadas pela própria comunidade que conheciam a história da antiga cidade, da igreja e que mantêm algum tipo de vínculo com o lugar.

O quadro 1 a seguir, traz a identificação das pessoas que foram entrevistadas.

Quadro 1: As pessoas entrevistadas.

Nome do entrevistado	Idade	Onde nasceu	Quando saiu de Pilão Velho	Quando chegou a Pilão Velho	Quando retornou	Profissão	Onde reside atualmente
1- Roberto Bispo Pereira	69	Ibotirama/BA		Chegou Após a Realocação	Após a Realocação devido a pesca	Aposentado/ Pescador	Povoado da Passagem
2-José Fernando De Lacerda	58	Pará	Realocação		Após a Realocação vem pescar sazonalmente	Pescador	Pará
3-Maria Do Socorro Dias	81	Pilão Arcado Velho	Realocação		Reside no Pilão Velho	Pensionista	Pilão Velho
4-Natalina Do Nascimento Ferreira	66	Pilão Arcado Velho	Realocação		Não retornou	Aposentada/ Agricultora	Povoado Pedreira
5-Maria Niva Lima Da Silva	76	Pilão Arcado Velho	Realocação		Após a Realocação retorna sazonalmente	Professora/ Diretora	Pilão Arcado Novo
6-Amilson Alves Dos Santos	75	Pilão Arcado Velho	Realocação		Após a Realocação retorna sazonalmente	Aposentado/ Agricultor	Pilão Arcado Novo e Velho
7-Joaquim Borges Dos Santos	74	Povoado zona rural município de Pilão Arcado	Realocação		Após a Realocação retorna sazonalmente	Aposentado/ Agricultor	Pilão Arcado Novo
8-Raimunda Alves Borges	66	Povoado zona rural município de Pilão Arcado	Realocação		Após a Realocação retorna sazonalmente	Aposentada/ Agricultora	Pilão Arcado Novo

9-Edson Sandoval Almeida De	68	Pilão Arcado Velho	Realocação		Após Realocação retorna sazonalmente a	Aposentado/ Pescador	Pilão Arcado Novo e Velho
10-Alaíde Rodrigues Santos	67	Pilão Arcado Velho	Realocação		Após A Relocação	Aposentada/ Dona De Casa	Pilão Arcado Novo
11-Juraci Ribeiro Rodrigues	67	Ceará		Chegou Após a Realocação	Após Realocação retorna sazonalmente a	Aposentada/ Pescadora	Pilão Arcado Velho
12-Gildete Dias da Rocha	75 anos						Povoado Casa Verde
13-Arivaldo Juscelino De Almeida	72	Pilão Arcado Velho	Antes da Realocação		Após A Relocação	Aposentado/ Vigilante No Estado De Minas Gerais	Pilão Arcado Velho
14-Maria Helena De Jesus	73	Pilão Arcado Velho	Antes da Realocação		Após Realocação retorna sazonalmente a	Aposentada/ Técnica De Enfermagem E Professora	Pilão Arcado Novo

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Por fim, é importante enfatizar que a busca por bibliografia e por documentos foi uma ação constante na realização da pesquisa.

3 O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÃO FRANCISCO

O Vale do São Francisco abrange toda a área banhada pelo Rio São Francisco e seus afluentes. Predominantemente situado nos estados do Nordeste do Brasil, o Vale destaca-se pelo seu potencial agrícola e turístico. O rio São Francisco, que se estende desde sua nascente em Minas Gerais até sua foz entre Alagoas e Sergipe, totaliza uma extensão de aproximadamente 2.800 quilômetros.

Desde os primórdios do processo de colonização do Brasil, o Rio São Francisco se destacou como um dos primeiros cursos de água a ser ocupado e utilizado para navegação pelo colonizador. É importante ressaltar que as terras já eram ocupadas pelos povos autóctones em períodos anteriores ao da colonização europeia.

Conforme Mello (1989), a região que abrange o Baixo Médio São Francisco, área afetada pela construção do lago de Sobradinho (Figura 7), foi originalmente habitada pelos indígenas do tronco linguístico Macro-Jê (Tapuias) e Centocê. Foi dessa última etnia que surgiu a corruptela "Sento Sé".

Figura 7: Mapa localizando o Baixo Médio São Francisco e as cidades no Norte da Bahia.



Fonte: Braga (2014).

A exploração europeia da região teve início em 1554, com a entrada de Espinoza, que conforme o relatório do Pe. Aspilcueta Navarro, partindo de Porto Seguro, seguiu pelos rios Jequitinhonha, Pardo e Verde Pequeno até alcançar o São Francisco. Entretanto, durante o século XVI, o Vale do São Francisco foi pouco explorado devido à densidade das florestas, que constituía um obstáculo à penetração (Silva, 2016).

Na segunda metade do século XVI, as grandes Casas Coloniais intensificaram seus esforços para povoar a região, organizando e financiando expedições de Bandeiras, concedendo terras a arrendatários e às missões religiosas. Ledoux (2017, p. 52) destaca que as primeiras incursões à região do submédio São Francisco datam do século XVII, quando se iniciou o processo de interiorização do Nordeste brasileiro.

Mello (1989, p. 39) ressalta que a necessidade de interiorização da pecuária, afetada pelo avanço da agricultura canavieira no litoral, aliada à geografia favorável da bacia do São Francisco para a criação de gado, tornou a região atrativa para essa atividade.

Em 1670, a Casa da Torre, pertencente aos Garcia D'Avila, detinha as posses da margem direita do Rio São Francisco e começou a expandir-se no Vale, seguindo o curso do rio, conforme a estrada que mais tarde seria reconstituída pela via férrea Bahia-São Francisco, no final do século XIX (Silva, 2016).

Os relatos da época indicam que, com o processo de povoamento, o rio São Francisco ficou conhecido como "rio dos currais", pois a cada parada deixava-se uma família de agregados e um par de reses (Mello, 1989, p. 40).

Peixoto (2006) destaca que a colonização do sertão nordestino e do sertão do São Francisco teve como base o estabelecimento de fazendas voltadas para a criação de gado, cujos produtos, como carne, leite e couro, se tornaram fundamentais na economia regional.

A introdução do gado no Brasil no século XVI visava atender às demandas da agroindústria açucareira. Grandes quantidades foram trazidas por Tomé de Souza para a Bahia e Pernambuco, suprindo a carência de transporte e tração animal, além de servirem como alimento para os engenhos de cana-de-açúcar no litoral. A interiorização do gado tinha como objetivos atender as demandas dos engenhos (Ledoux, 2017).

Pinheiro (2009, p. 18) argumenta que a ocupação da região norte da Bahia está ligada aos esforços das cidades em proteger o cultivo da cana-de-açúcar, sua

principal atividade econômica, o que incentivou a expansão da pecuária para o interior do nordeste do Brasil.

A ocupação do Vale do São Francisco, assim como a do semiárido em geral, foi fortemente influenciada pelo sistema de Sesmarias, adotado pela coroa portuguesa para garantir a ocupação do território recém-descoberto.

Esse processo, iniciado no século XVI, caracterizou-se pelo desenvolvimento da pecuária extensiva e dos garimpos, viabilizados pelas condições oferecidas pelo Rio São Francisco (PTDRS, 2008, p. 14), e originando assim as fazendas que mais tarde se tornariam as freguesias, vilas e cidades.

3.1 A ORIGEM DE PILÃO ARCADEO E A IGREJA DE SANTO ANTÔNIO

Pilão Arcadeo originou-se de um arraial fundado, em fins do século XVII, por ordem do vice-rei D. João De Lencastre, com a “finalidade de sustar as constantes rapinagens dos índios mocoazes e acoroazes às fazendas de gado da região” (Ferreira, 1958, p.114).

O nome Pilão Arcadeo está ligado ao fato de que pescadores teriam encontrado em uma das margens do rio São Francisco um pilão com um formato de curva em arco, o pilão teria sido originariamente feito e utilizado pelos indígenas da região e posteriormente utilizado pelos pescadores para pilar o sal (Gandara, 2014, p. 7).

Segundo Lins (1983, p. 25) a Capela que foi erigida no arraial foi dedicada a Santo Antônio. Posteriormente foi elevada à categoria de freguesia por Carta Régia de 18/01/1771 com o nome de Santo Antônio Do Pilão Arcadeo.

Pelo Alvará Régio de 15/01/1810 foi elevada à categoria de Vila e pela Resolução Provincial nº 650 De 14/12/1857 foi extinto como município, integrando então o território de Vila de Nossa Senhora do Remanso de Pilão Arcadeo. Desmembrou-se de Remanso em 1890 e foi elevada à categoria de cidade em 1938. A Cidade era provida de porto fluvial servido pelos vapores que trafegavam no rio São Francisco. “Pilão Arcadeo, sem dúvida é um dos mais antigos núcleos humanos do vale” (Lins, 1983, p. 25).

De acordo com Castro e Pereira (2019, p. 26) no século XX, especialmente a partir da década de 1950, novas atividades econômicas foram introduzidas na região. Com o processo de redemocratização pós-Estado Novo de Getúlio Vargas, a Constituição Federal de 1946, nos seus Atos de Disposições Transitórias, conferiu

especial ênfase para o desenvolvimento do vale do São Francisco. Nas décadas seguintes, o renovado interesse do governo federal no São Francisco e no seu território resultou em investimentos no aproveitamento desse rio para geração de energia hidroelétrica. Adicionalmente, com a criação de órgãos governamentais com o objetivo de promoção do desenvolvimento dessa região, a agricultura irrigada foi eleita por estes como importante elemento de desenvolvimento do vale do São Francisco.

Segundo Estrela (2009, p. 116) a Represa de Sobradinho localizada na porção baiana do Médio São Francisco começou a ser construída em princípios de 1970. Nesta década em termos econômicos, o Brasil passava pela fase denominada de internacionalização da economia e a construção da gigantesca obra estava em total consonância com os planos elaborados pelo governo militar de criar obras de infraestrutura, voltadas para a viabilização do projeto “Brasil grande potência” (Estrela 2009, p. 116). Como se nota, a seguir, a implantação do lago de Sobradinho, resultou em grandes conflitos socioeconômicos:

A formação do lago de Sobradinho provocou a submersão de enorme faixa de terra propícia à agricultura, submergiu 26 povoados e quatro sedes municipais – antigas vilas tradicionais – como Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado e Remanso e atingindo, aproximadamente 72 mil pessoas. Para alocar os habitantes da zona rural dos municípios submersos, a Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco (Chesf), em convênio com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), implementou o Projeto Especial de Colonização de Bom Jesus da Lapa, logo depois denominado Projeto Especial de Colonização Serra do Ramalho (Estrela, 2009, p. 116).

Deste modo a criação do lago Sobradinho força a realocação da sede do município de Pilão Arcado e portanto, causa o processo de mudança das pessoas, do abandono das casas, das terras e da Igreja de Santo Antônio.

3.1.1 A Igreja de Santo Antônio

A Igreja de Santo Antônio (Figura 8), é uma das mais antigas da região e foi construída em 1873 (Figura 9).

Conforme escreve Lima (2010, p.41) citando o Livro de Guarabira, intitulado Pilão Arcado: Um marco do rio São Francisco, a igreja ficava localizada em frente a pedra do remanso, de onde era possível avistar o mercado Público Municipal.

Figura 8: Igreja Matriz de Pilão Arcado velho Bahia 1957.



Fonte: IBGE (1957).

Figura 9: Detalhe do ano de 1873 na fachada da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Alves (2023).

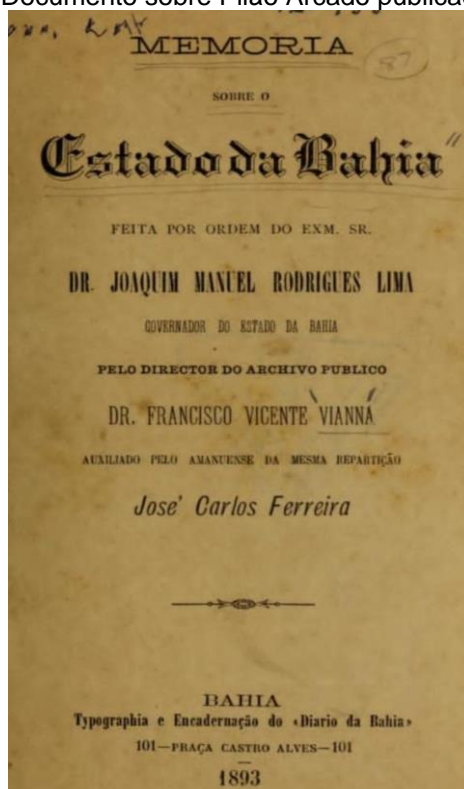
Segundo Gandara (2014, p. 15) a antiga sede Municipal de Pilão Arcado possuía uma vista privilegiada, próxima a um meandro do rio São Francisco, “na base de um serrote, onde no topo desse serrote, se encontra a famosa pedra branca, onde foi colocado um cruzeiro”.

Ainda no que diz respeito ao histórico sobre Pilão Arcado, Mello (1989, p. 42) escreve que:

No relatório que o engenheiro KALFELD faz sobre a exploração do rio São Francisco nos anos de 1852 a 1854, ele observa que na Vila de Pilão Arcado, instalada em 1610, a principal atividade era a criação de gado, mas possuía plantações de mandioca, arroz, feijão; em menor escala, milho, cana e também um comércio fluvial; estima um total de 9000 habitantes no município sendo 1200 concentrados na sede onde há 155 casas de “mui ordinária construção”: além destas casas havia a casa da Câmara Municipal, com cadeia, a igreja matriz dedicada a Santo Antônio e uma capela para a devoção à Nossa Senhora do Livramento.

A capela de Nossa Senhora do Livramento, citada no relatório, aparece no documento elaborado pelo Estado da Bahia publicado em 1893, que trata da Memória sobre o Estado da Bahia (Figuras 10 e 11), como sendo a igreja paroquial e o melhor edifício, provavelmente fazendo referência a própria igreja de Santo Antônio.

Figura 10: Documento sobre Pilão Arcado publicado em 1893.



Fonte: Internet Archive (1893).

Figura 11: Informações sobre Pilão Arcado no documento publicado em 1893, páginas 534 e 535.

58) *Pilão Arcado*—situado á margem esquerda do rio S. Francisco, duas leguas abaixo e defronte da fôz do rio Verde, dezeseis abaixo da villa do Remanso e trinta da cidade da Barra do Rio Grande, em bella posição vista do rio. E' de edificação geralmente má, exceptuando uma ou outra casa que é de pedra e cal. Formam suas casas oito ruas e duas praças. N'uma destas, a da Matriz, acha-se a igreja parochial de Nossa

535

Senhora do Livramento, o seu melhor edificio. Sua casa do Conselho, na rua Direita, está em bom estado. Não ha feira, e só tem um cemiterio sem capella e duas escolas, havendo mais uma na povoação do Brejo do Zacharias. Os habitantes do municipio criam algum gado vaccum e cavallar, e em parte occupam-se tambem com a lavoura de cereaes em pequena extensão durante a vasante nas ilhas, que, livres das seccas, são de grande fertilidade. Fabricam alguma aguardente. Não obstante entretem um commercio com todo o valle do rio até o Estado de Minas e com o do Piauhy.

A villa foi creada pela Cart. Reg. de 18 de Janeiro de 1810 e como tal existiu até 1857, epocha em que a resolução n. 650 de 14 de Dezembro transferiu seu fóro para o Remanso. A lei n. 1197 de 27 de Abril de 1872 chegou até a transferir para o Remanso a séde de sua freguezia, sendo revogada pela lei de 22 de Julho de 1889, que fez novamente passar para Pilão Arcado a sua freguezia, seguindo se o acto do governo do Estado de 31 de Outubro de 1890 que reinstallou a villa. Depois da passagem do fóro para o Remanso e em consequencia das continuas e sangrentas guerras eleitoraes, chamadas Militão e Guerreiro, decahiu muito Pilão Arcado.

Ainda hoje, nove leguas rio abaixo, se vê a tradicional fazenda *Caruá* do finado Militão, chefe de um dos grupos que tanto devastaram estas paragens.

Sobre os festejos de Santo Antônio, de acordo com Lima (2010), têm início no dia 01 e término no dia 13 do mês de junho constituindo o trezenário, a imagem do santo foi trazida de Portugal pela família do Comendador Bernardo Guerreiro, um dos primeiros moradores da Vila de Santo Antônio de Pilão Arcado.

Sobre as questões religiosas Lima (2010, p. 48) ainda escreve que:

“... tem muitas coisas boas na cidade, por exemplo: os festejos de Santo Antônio, que é o Santo Padroeiro de Pilão Arcado. A sua imagem foi transferida para a Cidade Nova, no dia 21 de abril de 1978, em uma memorável procissão pelo rio São Francisco, até o povoado da Passagem. O restante do percurso foi feito através de uma carreata até a Cidade Nova, onde a imagem finalmente foi colocada na nova Igreja.

A transferência da imagem de Santo Antônio para a “Cidade Nova”, em 1978, concretizou o processo de realocação da sede do município de Pilão Arcado, efetivou a nova igreja e destinou ao passado o “Pilão Arcado Velho”.

3.1.2 O contexto dos trabalhos da Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco na região de Pilão Arcado

A Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco (CHESF), é uma empresa pública de eletricidade do país, constituída na década de 1940 durante o Governo de Getúlio Vargas, com a missão de promover energia para a região Nordeste, tendo como um dos seus primeiros investimentos o aproveitamento do potencial hidrelétrico no rio São Francisco.

Em se tratando da existência da própria CHESF, no dia 3 de outubro de 1945, Getúlio Vargas assinava três decretos-leis: 1) O de nº 8.031, autorizando a organização da empresa; 2) O de nº 8.032, abrindo um crédito especial, junto ao Ministério da Fazenda, para subscrever as suas ações ordinárias; e 3) O de nº 19.706, outorgando à empresa a concessão, por 50 anos, do aproveitamento progressivo da força hidráulica do rio São Francisco, no trecho entre Juazeiro (BA) e Piranhas (AL), com o objetivo de fornecer energia elétrica em alta-tensão aos concessionários de serviço público, na área compreendida por uma circunferência de 450 km de raio, centralizada na cachoeira de Paulo Afonso (Vainsencher, 2002, p. 2 *apud* Silva, 2010, p. 157-158).

É dentro desse contexto geográfico que estão inseridas as quatro cidades (Remanso, Casa Nova, Sento Sé e Pilão Arcado) que foram destruídas e realocadas para o estabelecimento da hidrelétrica de Sobradinho na Bahia.

Considerando o histórico de cinco usinas já concluídas e em funcionamento, a instalação de uma sexta usina parece ser uma escolha promissora para o governo. Essa decisão pode estar relacionada aos interesses geopolíticos externos ou ao cenário 'capitalista doméstico' (Silva, 2010). No entanto, o governo federal justifica essa iniciativa como um auxílio ao desenvolvimento da região.

Deste modo é crucial reconhecer que o estudo social em relação aos habitantes diretamente impactados não foi insuficiente, pois muitos não tiveram a oportunidade de participar ou sequer foram ouvidos. A chegada da CHESF na região de Pilão Arcado "Velho" ocorreu durante o período da ditadura militar, quando as decisões eram frequentemente impostas sem considerar as necessidades das comunidades.

Durante aquele período, a CHESF exerceu um poder significativo, em conjunto com os políticos locais. Eles enfatizaram que aqueles que aceitassem imediatamente o processo de relocação seriam beneficiados, enquanto os que demorassem em suas respostas ou posicionamentos sofreriam prejuízos. Essa abordagem viabilizou o processo, mas também estabeleceu uma imposição velada na aceitação da realocação. A falta de alternativas reais para os habitantes tornou essa situação ainda mais complexa e desafiadora.

Na década de 1970, a cidade de Pilão Arcado estava amplamente sob influência dos políticos locais e da Companhia Hidroelétrica. Essas entidades exerciam controle sobre as informações e decisões que afetavam a vida dos habitantes da cidade. A população frequentemente recebia informações sobre planos de compra, venda e relocação de propriedades, muitas vezes sendo incentivadas a venderem seus bens e começar uma nova vida em uma versão renovada de Pilão Arcado. Essa dinâmica refletia um ambiente onde as decisões políticas e econômicas moldavam significativamente a vida dos cidadãos locais, afetando seu modo de vida e oportunidades disponíveis.

Durante o processo de relocação das cidades afetadas pela construção da barragem de Sobradinho, surgiram protestos liderados pelos bispos em Juazeiro, que deram apoio e voz às comunidades que seriam realocadas.

Segundo Silva (2010), a Igreja Católica, sob a liderança do novo bispo, D. José Rodrigues, desempenhou um papel fundamental ao expor os abusos e injustiças cometidos pela CHESF contra a população por meio de informativos e programas de rádios.

Esses protestos e denúncias contribuíram para que os afetados conseguissem uma melhor articulação e pudessem discutir coletivamente a problemática, resistindo em grupo às equipes técnicas, porém não tão fortes e significativos para a não remoção.

Durante todo o processo de indenização e realocação das pessoas, cinco obras estavam em andamento: a construção do lago e da usina, juntamente com a infraestrutura para sua operação que dá início a uma vila (Sobradinho), e a construção das novas sedes das cidades (Pilão Arcado Novo, Remanso, Casa Nova e Sento Sé).

A barragem foi concluída no final de 1977 e oficialmente inaugurada pelo presidente da República, General Ernesto Geisel, em maio de 1978. As obras incluíam um sistema de eclusas para navegação e uma tomada de água para irrigação. O reservatório teve seu enchimento concluído no final do primeiro semestre de 1978, tornando-se imediatamente parte do sistema energético da CHESF. Com uma área de 4.214 quilômetros quadrados e capacidade para acumular 34 bilhões de metros cúbicos de água, formava um dos maiores lagos artificiais do mundo (Lima 2010).

A dinâmica da construção do Lago de Sobradinho e a realocação da sede de Pilão Arcado geraram mudanças ambientais, sociais e econômicas que refletem nos aspectos culturais e na paisagem como um todo.

4 MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A IGREJA DE SANTO ANTÔNIO E PILÃO ARCADO VELHO

Nos diversos caminhos trilhados para chegar até as ruínas da antiga igreja de Santo Antônio no Pilão Arcado Velho (Figura 12), foram percorridas bibliografias, ambientes digitais virtuais, fotos, estradas, ruas, mas principalmente e especialmente caminhos de terra, de água e de lembranças.

Figura 12: Vista das ruínas da igreja de Santo Antônio no Pilão Arcado Velho.



Fonte: Silva (2021).

A partir da localidade da Passagem (figura 13), em um pequeno barco a motor, leva-se aproximadamente uma hora e meia para aportar na antiga cidade de Pilão Arcado.

Figura 13: Povoado da Passagem.



Fonte: Silva (2021).

A Passagem é o povoado na zona rural, localizado às margens do Rio São Francisco distante aproximadamente 12 km de Pilão Arcado Velho e 26 Km de Pilão Arcado Novo. A localidade funciona como um pequeno atracadouro fluvial ou ancoradouro onde ficam as muitas embarcações de pesca, de transporte e de turismo. A pesca, o processamento e armazenamento de peixes, a agricultura e pecuária de subsistência, com a venda do pequeno excedente de produção, o comércio e o turismo insipientes caracterizam a economia do lugar.

No Povoado da Passagem reside o Senhor Roberto Bispo Pereira (Figura 14) barqueiro que nos levou (Figura 15) até Pilão Arcado Velho para os trabalhos de campo.

Figura 14: Barqueiro e Pescador senhor Roberto Bispo Pereira.



Fonte: Felice (2023).

Figura 15: Senhor Roberto Bispo Pereira nos conduzindo pelo Rio São Francisco.



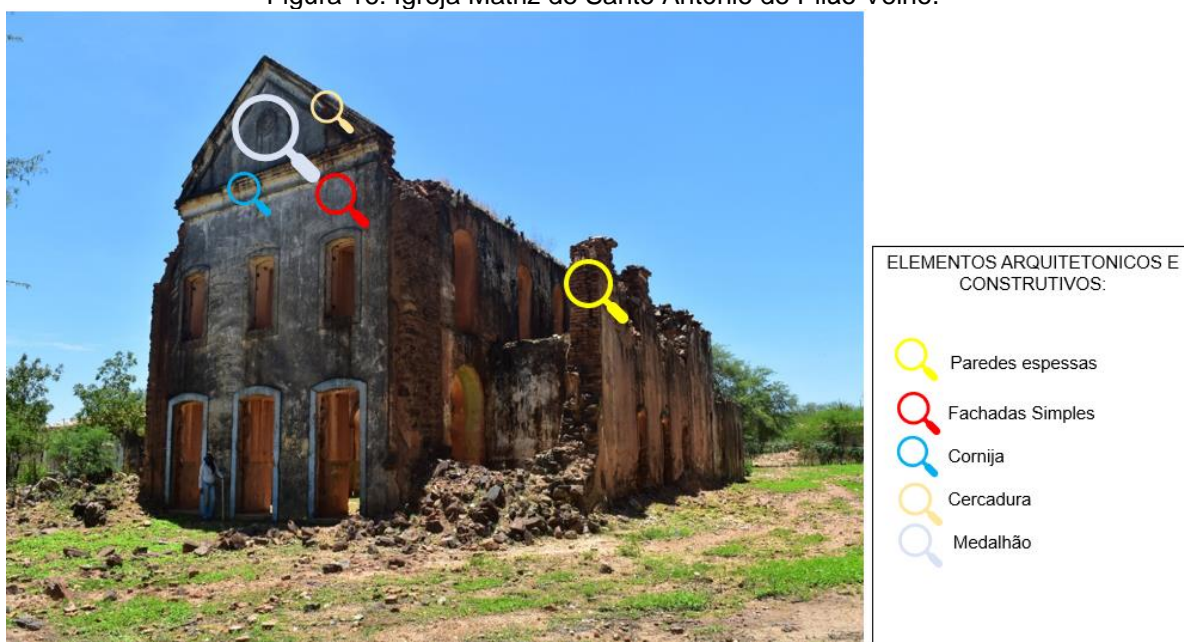
Fonte: Alves (2023).

O senhor Roberto ainda fez parte do grupo de 14 pessoas que foram entrevistadas. As pessoas entrevistadas além do Senhor Roberto Bispo Pereira foram: o senhor José Fernando de Lacerda, a senhora Maria do Socorro Dias, mais conhecida como Dona "Pequenita", a senhora Natalina do Nascimento Ferreira, a senhora Maria Niva Lima da Silva, o senhor Amilson Alves dos Santos, o senhor

Joaquim Borges dos Santos, mais conhecido como Seu Quinca e sua esposa, senhora Raimunda da Silva (entrevista feita com o casal), o senhor Edson Sandoval de Almeida e sua esposa a senhora Alaíde Rodrigues (entrevista feita com o casal), a senhora Juraci Ribeiro Rodrigues, a senhora Gildete Dias da Rocha, o senhor Arivaldo Juscelino de Almeida e a senhora Maria Helena de Jesus.

Durante os primeiros trabalhos de campo realizados, foram feitos os registros fotográficos das ruínas da antiga igreja de Santo Antônio com o objetivo de documentar apenas alguns detalhes arquitetônicos (Figuras 16, 17 e 18).

Figura 16: Igreja Matriz de Santo Antônio de Pilão Velho.



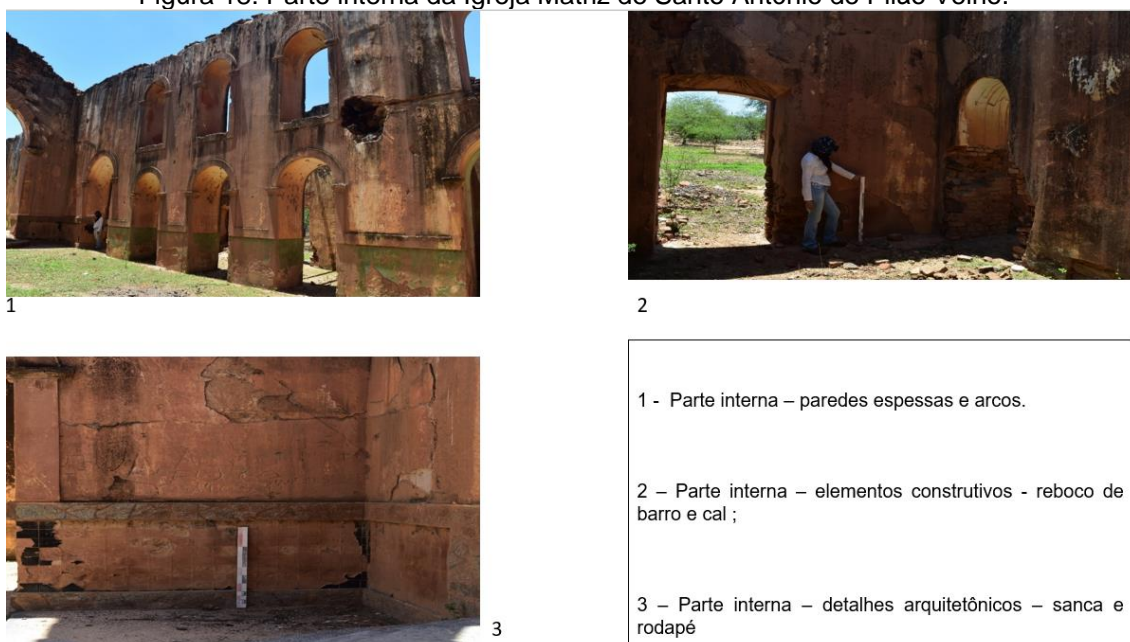
Fonte: Felice (2023) com adaptação da autora.

Figura 17: Parte interna da Igreja com identificação arquitetônica e construtiva.



Fonte: Felice (2023) com adaptação da autora.

Figura 18: Parte interna da Igreja Matriz de Santo Antônio de Pilão Velho.



Fonte: Felice (2023) com adaptação da autora.

O relato de Dona Natalina do Nascimento Ferreira (figura 19) considera que: “Uma igreja como aquela, não fazem mais nunca, uma igreja igual com as paredes daquela largura[...] A igreja era bem alta. Grande né, ela tinha torre com sino. O sino da igreja de Pilão Arcado a gente escutava uma légua de distância”.

Figura 19: Senhora Natalina do Nascimento Ferreira.



Fonte: Felice (2023).

Os relatos dos entrevistados tratam dos tempos passados e dos atuais, onde a permanência das ruínas na paisagem, permite identificar a grandiosidade do que foi a antiga igreja de Santo Antônio (Figuras 20, 21 e 22).

Figura 20: Vista Frontal de parte das ruínas da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Felice (2022).

Figura 21: Vista da parede externa e o fundo da Antiga Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Felice (2022).

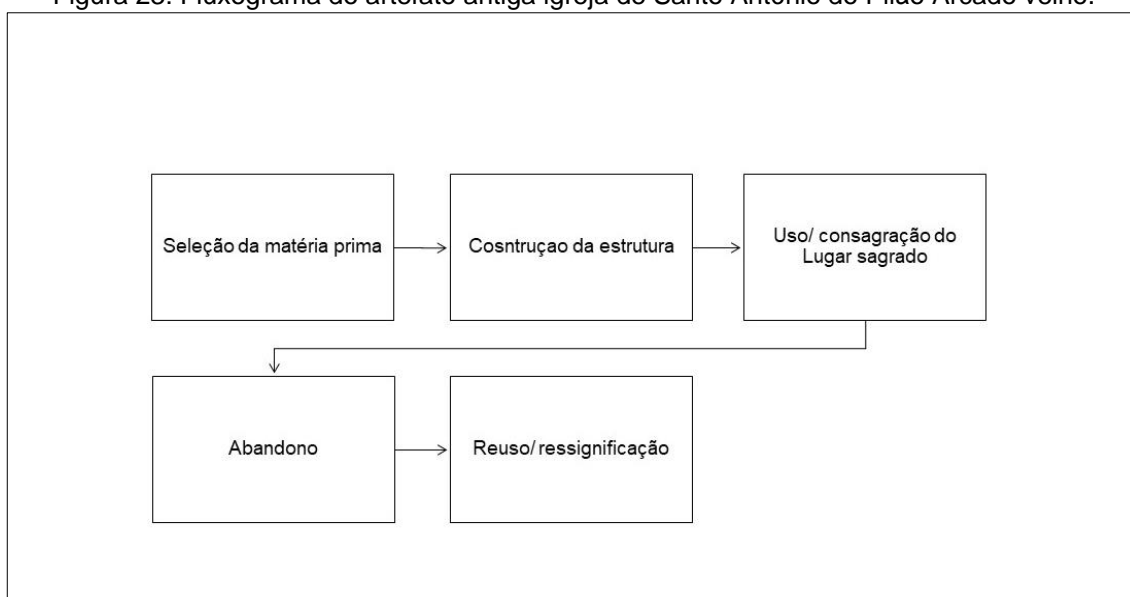
Figura 22: Vista da Parte interna da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Felice (2022).

A presença das ruínas, além de reativar a memória das pessoas, permitiu a elaboração de uma proposta de fluxograma para o artefato antiga Igreja de Santo Antônio do Pilão Arcado Velho, conforme figura 23 a seguir:

Figura 23: Fluxograma do artefato antiga igreja de Santo Antônio do Pilão Arcado velho.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No que diz respeito a seleção da matéria prima, os relatos orais da senhora Maria Niva Lima da Silva (figura 24) e do senhor Joaquim Santos (figura 25) narram que:

Maria Niva Lima da Silva “Aquelas pedras foram todas buscadas do outro lado do Rio, naquele morro que tem chama o Serrotinho. [...] os barcos iam buscar. Os homens tiravam as pedras, traziam pra beira do Rio. O barco enchia as pedras, trazia de novo para descarregar do lado de cá. [...] minha bisavó carregou pedra para aquela igreja.

Joaquim Santos “As pedras para à construção da igreja moça, vinham do outro lado do Rio”.

Figura 24: Senhora Maria Niva Lima da Silva.



Fonte: Felice (2023).

Figura 25: Senhor Joaquim Santos (Seu Quinca).



Fonte: Felice (2023).

No que se refere ainda a história sobre a construção da antiga igreja, conforme relatado por Maria Niva Lima da Silva, “[...] Frei Henrique de Coimbra veio para construir a igreja de Santo Antônio. [...] Dizem que ele chegou em Pilão e disse que tinha ido construir a igreja. [...] As famílias eram voluntárias, iam para ajudar”.

As fontes bibliográficas corroboram essa informação pois segundo Cavalcante (2008) e Maia (2021), Frei Henrique tinha o propósito de converter os locais por onde passava em espaços de referência, com identidade própria, quebrando a hegemonia da mata e do isolamento. Os lugares visitados por ele abrangiam povoados e vilarejos nos estados do Ceará, Pernambuco, Bahia e Piauí.

Os relatos de Maria Niva Lima contam ainda que:

Frei Henrique de Coimbra. Ele veio do Crato. Ele sonhou. O Santo Antônio pedindo para ele vim construir a igreja dele em Pilão Arcado. Aí ele disse que não sabia onde era essa cidade. Aí disse que ele veio, o Frei, montado num burro vinha um homem na frente, como se tivesse guiando ele. Certo que ele chegou em Pilão e disse que tinha ido construir a igreja. [...]. Agora é uma coisa que é impressionante, a largura das paredes da Igreja. A igreja é uma coisa maravilhosa, porque logo aquela igreja é de uma construção secular, né? Ela é uma construção de Pedra. [...] Aquelas pedras foram todas buscadas de barco, do outro lado do Rio. [...] os homens tiravam as pedras na beira do rio. [...] disse que uma das pedras caiu no pé de um homem,

ele xingou essa pedra, quando chegou cá, Frei Henrique mandou tirar, porque a pedra estava excomungada, separou e deixou no cruzeiro fora da igreja. [...] Ela ficou toda a vida lá no cruzeiro e todo mundo sabia da pedra excomungada.

Dona Natalina do Nascimento Ferreira também fala sobre a dita pedra excomungada, da seguinte forma:

Tem uma história que teve um cara que foi juntar Pedra. Ele juntando as pedra lá naquele serrote. Lá que tem um serrote... se machucou com a pedra que era para a construção da igreja, aí diz que quando chegou lá o padre disse, olha essa pedra aqui é para tirar ela, ela não vai entrar na construção da igreja, porque machucou o homem e ele xingou, essa pedra aqui está condenada. O irmão quando pegou ela machucou a unha e ele xingou.

O senhor Joaquim Borges do Santos (Seu Quinca) também confirma o local onde se encontra a famosa pedra amaldiçoada:

A pedra excomungada está na beira do rio, essa o padre João não deixou colocar na construção da igreja, pois machucou um dos que estava ajudando a carregar as pedras para a edificação da igreja de Santo Antônio.

Sobre as narrativas relacionadas à igreja um aspecto pode ser destacado quando são abordadas as necessidades da comunidade, alcançando instâncias que vão além da questão da consolidação da religião católica, da fé e da dimensão simbólica. No caso, o papel social da igreja é relatado pela Senhora Maria Helena de Jesus (Figura 26) quando conta que:

[...] Na época não tinha as casas de saúde por aqui no interior, não ia atrás de ninguém formado porque não achava mesmo. [...] era o pároco da Diocese que era do exterior, aí ele trazia as pessoas de lá, formada mesmo para ajudar na saúde. Tanto na sede como no interior (Maria Helena de Jesus, de 73 anos de idade, em entrevista concedida em 2023).

Figura 26: Senhora Maria Helena de Jesus.



Fonte: Felice (2024).

Quanto ao uso do lugar, por ser a igreja um espaço vinculado à religião, é considerado um lugar sagrado, desta forma os rituais legitimam a condição do lugar, conforme relata a senhora Maria do Socorro Dias, mais conhecida como Dona Pequenita (Figura 27), quando falando sobre a antiga igreja conta que:

fui batizada e casada nela. A igreja do padroeiro aqui era falada na margem do rio. Era famosa a igreja. A igreja do padroeiro Santo Antônio, mas eu tenho fé em Deus, em Santo Antônio, que antes de eu morrer ainda vou ver ele na igreja, nem que seja só pra eles limpar e botar Santo Antônio no lugar dele [...] (Maria do Socorro Dias, 81 anos entrevista concedida em 2023).

Figura 27: Senhora Maria do Socorro Dias (Dona Pequenita).



Fonte: Felice (2023).

O processo de realocação da sede da cidade de Pilão Arcado foi o responsável pelo abandono do lugar sagrado. A inundação da cidade estabelece a principal transformação da paisagem e induz a destruição paulatina da igreja de Santo Antônio (Figura 28).

Figura 28: a igreja sendo tomada pela água durante o primeiro período de inauguração da hidrelétrica.



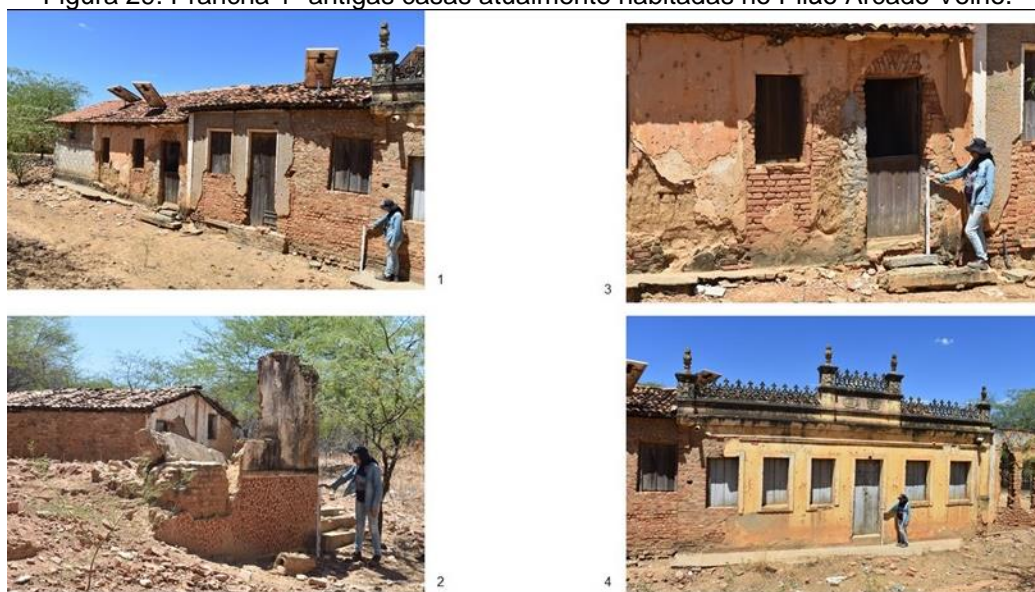
Fonte: Facebook Pilão Retrô [2024].

Sobre as diferentes técnicas construtivas utilizadas na antiga cidade de Pilão Arcado, a senhora Maria Helena de Jesus relata que:

a casa que eu morava com meus pais e minhas irmãs... a casinha era ajeitada né? Arrumadinha. Minha mãe, ela era muito caprichosa, ela trabalhava, ia pro mato cortar pau para fazer, para crescer a casinha da gente que era pequena, ela fez quarto de taipa, mas ela fazia a casa de taipa e depois rebocava que ninguém dizia que era taipa, alisava, aí ficava bem lisinha, pintava assim, ninguém dizia que era a casa de taipa. Meu pai trabalhando o dia de serviço e ela fazia. As vezes a gente ia pras olarias, né? Olaria, onde o pessoal fazia as os tijolinhos, ia pegar os pedaços, carregamos muito, muito pedaço de tijolo para fazer as parede aí no Pilão Velho. Minha mãe construiu muito lá em Pilão Velho para crescer a casa para a gente.

Algumas das antigas casas no Pilão Arcado Velho, embora em processo de deterioração, ainda resistem ao tempo e são habitadas. A energia elétrica é minimamente obtida por poucas placas solares que se destacam nos telhados (Figura 29).

Figura 29: Prancha 1- antigas casas atualmente habitadas no Pilão Arcado Velho.



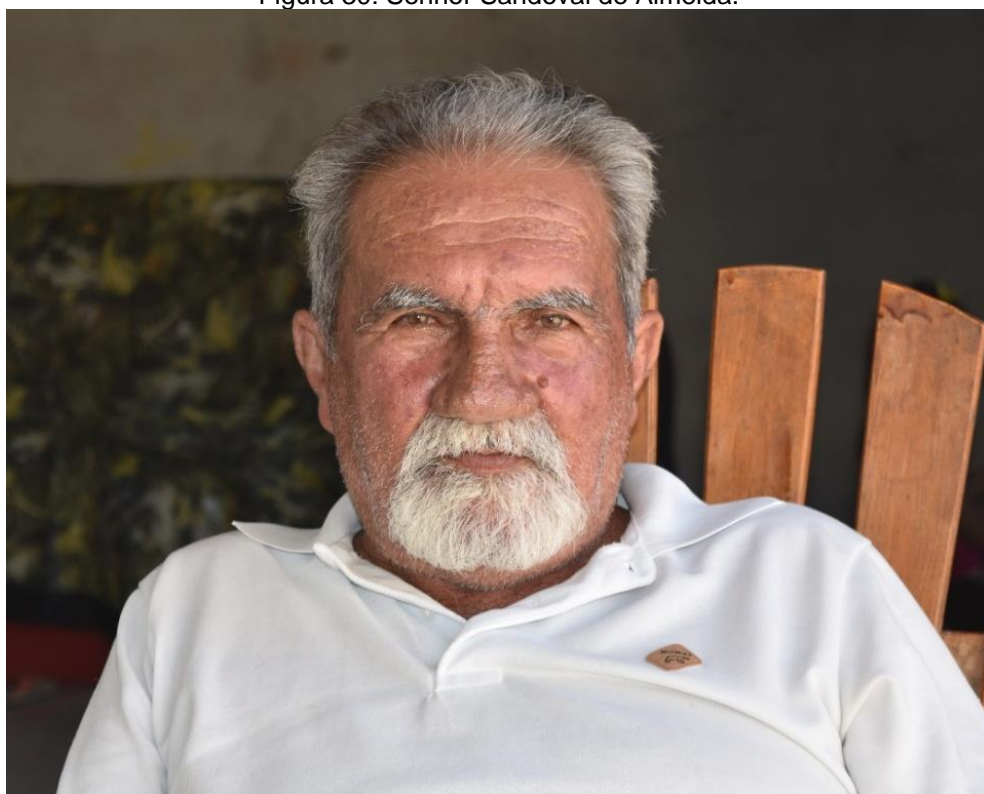
1- Casas com elementos arquitetônicos construtivos simples características do século XIX. 2 - Resquícios de parede com acabamento em mosaico. 3 – Tipo de porta balcão com detalhes de batente na entrada. 4 – Faixada com detalhes característicos coloniais.

Fonte: Felice (2023) elaboração da prancha Alves (2023).

A casa da família representa um importante espaço na narrativa dos entrevistados, conforme contam os irmãos Sandoval e Arivaldo de Almeida (figuras 30 e 31): “Eu colocando o pé para fora de casa no Pilão velho, já via a igreja, ao lado de minha casa”. (Sandoval de Almeida)

A casa dos meus pais era colada na igreja, tinha apenas um beco estreito. Eu nasci ali e vivi lá até os 18 anos de idade [...], porém eu me mudei para minas Gerais antes da construção do lago de sobradinho em 1969 (Arivaldo Juscelino de Almeida).

Figura 30: Senhor Sandoval de Almeida.



Fonte: Felice (2023).

Figura 31: Entrevistado Senhor Arivaldo Juscelino de Almeida.



Fonte: Felice (2024).

Os entrevistados relembram das casas com carinho e orgulho conforme relata o senhor Amilson Alves dos Santos (Figura 32):

[...] Ali tinha tanta casa antiga, bonita. [...] Os casarões que eu, quando vejo assim passar na televisão, nesses lugares, uns casarões, me lembro de lá. Era bonito. As casas ainda tem umas com uns desenhos lá na frente, muito bonito, tinha umas na beira do Rio [...].

Figura 32: Entrevistado Senhor Amilson Alves dos Santos.



Fonte: Felice (2023).

O senhor Sandoval Almeida detalha alguns aspectos das técnicas construtivas da antiga cidade quando descreve que:

lá em casa tinha parede com 80 cm de largura, uma parede de adobe cru de um lado e outro e uma parede de carnaúba no meio, a frente era toda de pedra. E lá em casa era desse jeito, toda no ladrilho, aquelas portonas de 2 metros e tanto, tudo de cedro. Antigamente era casa de gente rico, meu pai era pobre, mas comprou de gente rico, descendente de português que tinha condição. E aí eu disse: mãe eu vou ajeitar isso aqui, passar um cimento por cima desses ladrilhos, inclusive lá tinha dois quartos, que ainda hoje tá lá, se quebrar o cimento ainda vai encontrar. Um de pedra branca outro de pedra vermelha no chão, tinha estrela, a coisa mais linda. Ôxi, tem foto do piso lá de casa na Alemanha, tudo quanto é país aí. No tempo que foi para valorizar, da indenização, o valor era aquele ali, mas não tinha respeito por nada, tudo queria destruir, aí passou cimento em cima. Se quebrar acha. Aquele povo alemão, aquele povo que vinha de fora

sabia, que já tinha visto em outros países, o povo dizia, o povo ia lá em casa ver. Eu adorava aqueles dois quartos.

Além das lembranças das casas, durante as conversas com as pessoas entrevistadas, dois foram os elementos da cultura material que puderam ser destacados e que estavam relacionados à antiga igreja de Santo Antônio. O sino e a própria imagem de Santo Antônio foram temas recorrentes nos relatos.

De acordo com a Senhora Maria Helena de Jesus:

O toque do sino, esse eu acho que não dá para ninguém esquecer, porque eu nunca vi um sino com uma potência de toque igual. De longe a gente ouvia, era um toque seguro mesmo. Um sino daquele foi uma pena destruir, porque disse que rachou e não tem conserto. [...] deve tá aí por aí na paróquia, eu acredito que sim. [...] Assim, porque era antigamente, aqui hoje, sai o carro de som avisando dos falecimentos, lá o aviso era o sino. E quando o sino tocava fora de época, sem que fosse de festas da igreja, já sabia, morreu alguém. E tem o sinal, como a gente dizia, diferente, o badalar era diferente para adultos e criança.

Sobre a potência do sino a senhora Natalina do Nascimento Ferreira, também recorda que:

O sino da igreja de Pilão Arcado velho a gente escutava uma légua. A 6 km de distância. O sino tocava todo dia de manhã nas Ave Maria, todo dia de manhã. Tinha aquelas 6 pancadinhas, 6 horas da manhã, tocava 6 vezes o sino e era Ave Maria da manhã. Sabia que era as Ave Maria da manhã. Hum, aí se a vez morria uma pessoa, aí tocava o sino também, o sino era diferente, as pancadas eram mais pesada. Mais alta. E já era as 8 pancadas quando morreu uma pessoa, 8 era para dar o sinal que a pessoa sabia que tinha um velório, né, quando morria um anjo, morria uma criancinha, mandava bater aquele sinal que às vezes a pessoa tinha condições de pagar aquela mensalidade. Era aquelas pancadinha repetida. Aí sabia que era um anjo que tinha morrido. E para tocar o sino, tinha que pagar. O sino era grande. Levaram esse sino e disse que para trocar esse sino, que estava rachado, até hoje, o sino não apareceu.

De forma extremamente bem humorada, o senhor Sandoval de Almeida faz o seguinte relato sobre o sino:

Morei perto, minha infância foi em frente à igreja, bem encostado na igreja, até o sino me irritava todo dia, todo dia. Não tinha raiva, incomodava. Principalmente na Semana Santa, que era sino demais, era mais de cinco sinos. O sino era potente, foram tirar para trazer para cá, rachou. Não vi, mas rachou, deixaram cair, era o mundo, rachou, tentaram consertar, não conserta, e sino você sabe que rachou não conserta. Eu bati muito, e corria, tinha um padre chamado Padre João, que era valente, a gente batia e corria. Uma pancada muito forte, se batesse lá no Pilão escutava aqui na passagem léguas de distância.

A comunicação feita com o som do sino e a relação deste com os diferentes rituais marcaram as lembranças das pessoas conforme conta a Senhora Alaíde Rodrigues Santos (Figura 33).

Quando batiam o sino de defunto, criança era diferente do adulto, eles diziam assim, na língua deles é repicar, repicando. O adulto era páaaa, e a criança tingue lingue, lingue.

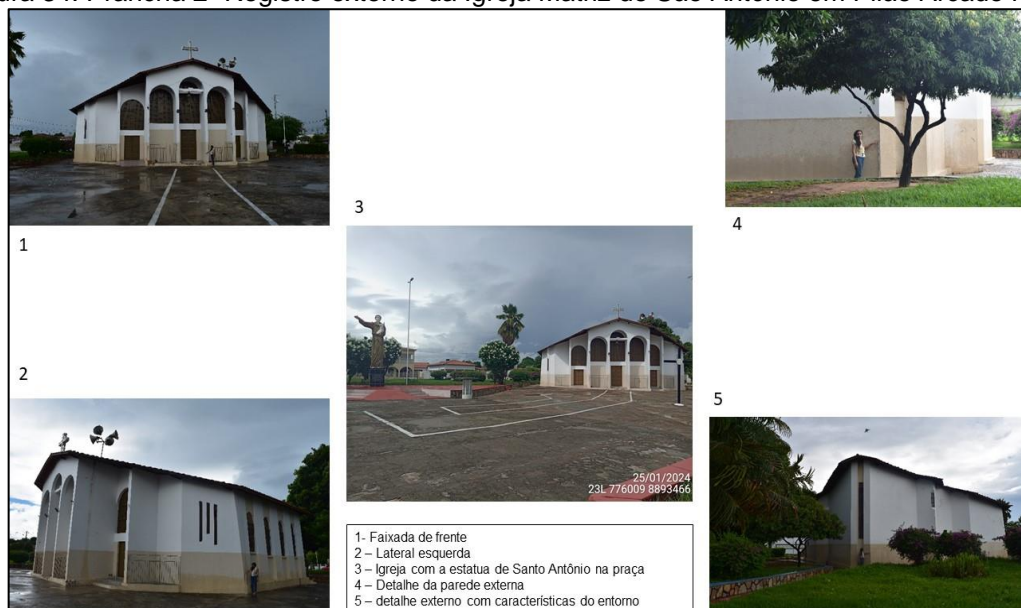
Figura 33: Senhora Alaíde Rodrigues Santos.



Fonte: Felice (2023).

Durante as pesquisas de campo na cidade de Pilão Arcado “Novo”, foi realizado o registro fotográfico da atual igreja Matriz (figura 34), onde nesta ocasião foi possível encontrar o antigo sino depositado no chão ao lado do altar principal (Figuras 35, 36, 37 e 38).

Figura 34: Prancha 2- Registro externo da Igreja Matriz de São Antônio em Pilão Arcado Novo.



Fonte: Felice (2024) com adaptação da autora (2024).

Figura 35: Detalhes técnicos sobre o sino da Igreja Matriz de Santo Antônio de Pilão Velho.



Fonte: Felice (2024) com adaptação da autora (2024).

Figura 36: Dimensões do Sino.



Fonte: Felice (2024).

Figura 37: Detalhe do Sino.



Fonte: Felice (2024).

Figura 38: Detalhe do Sino.



Fonte: Felice (2024).

Quanto aos relatos relacionados a imagem de Santo Antônio, estes remetem a popular história contada sobre a primeira capela que teria existido no antigo Pilão Arcado, quando por volta do ano de 1781, como consequência das cheias do Rio São Francisco, a antiga capela teria sido destruída. As narrativas da Senhora Maria Niva Lima da Silva e do senhor Amilson Santos, detalham o evento

[...] Era uma Igrejinha, assim, numa área perto do cemitério, era uma Capelinha. Eles contavam que ficava perto do cemitério e veio uma enchente muito grande, e aí derrubou a Capela, ficou só o oitão da igreja. E lá aquela parede onde tinha o altar com Santo Antônio na Capela antiga a água balançava mais não caía, porque o Santo estava lá [...]. Dizem que um Pescador numa canoinha, - disse que ia tirar o santo. Todo mundo achando perigoso, mas ele foi. Foi, disse que encostou a canoinha para tirar. Subiu no altar, tirou Santo Antônio, botou na canoa e foi remar. Diz que, quando ele afastou um pouco a parede desabou, diz que a maré subiu tanto que o barquinho sumiu[...]. Aí todo mundo “diz pronto”, afundou, afundou o barco afundou com o homem, que eu não me lembro o nome, e, quando viram ele rompeu lá na frente, ele, o barquinho naquela onda que veio, né? Ele subiu, saiu e trouxe o Santo Antônio (Maria Niva Lima da Silva).

O senhor Amilson Santos relatou os mesmos fatos sobre a valentia do pescador no resgate da imagem do Santo Antônio

As ruínas que estão lá, é a segunda igreja, a primeira igreja, Capelinha, ficava na ponta da cidade, veio a enchente e invadiu a igreja. Um pescador pegou a canoa, e foi até a antiga igrejinha, pegou Santo Antônio, colocou na canoa, e foi embora remando. Colocou Santo Antônio em uma casa. Depois disso, as águas derrubaram as

paredes que restavam da igreja, só para deixar claro, que assim que Santo Antônio saiu da igreja, as paredes caíram. Todo mundo achava arriscado aquele pescador ir retirar o Santo Antônio, com as paredes praticamente balançando (Amilson Santos).

Foram feitos registros também do interior da nova igreja incluindo o Altar-mor e os Santos dispersos na ornamentação do templo. As imagens podem ser vistas nas figuras 39, 40 e 41.

Figura 39: Parte interna-nave central.



Fonte: Silva (2024).

Figura 40: Altar-mor- Santo Antônio identificado com a seta vermelha.



Fonte: Silva (2024).

Figura 41: Santos que adornam a Igreja matriz de Santo Antônio em Pilão Arcado Novo, BA.



Fonte: Felice; Silva (2024).

Na parte interna da igreja, podemos observar que Santo Antônio (Figura 42), como padroeiro, está disposto no Altar-mor. Os demais Santos e Santas estão posicionados ao longo da nave da igreja, tanto nos lados esquerdo quanto direito.

Figura 42: Santo Antônio.



Fonte: Silva (2024).

Sobre as tradições e os festejos de Santo Antônio, o santo padroeiro da cidade a senhora Raimunda (Figura 43) narra que:

Os festejos de Santo Antônio eram 13 dias, trezenas, não dava e nem dá confusão. Aí, exatamente, exatamente tudo, essas tradição, tudo tinha lá, festas de reis, tudo era essas animação, tudo. Eram tradições muito boas, que ainda hoje está por aqui a festa do Divino Espírito Santo, depois do Domingo de Páscoa. A festa do Divino Espírito Santo é uma festa tradicional também. No Pilão Velho também tinha as rodas de São Gonçalo, tinha o reisado.

Figura 43: Senhora Raimunda Alves Borges.



Fonte: Felice (2023).

As narrativas também abordaram aspectos das dinâmicas relacionadas ao acesso às antigas cidades ribeirinhas, a relação com o Rio São Francisco e a importância da pesca conforme os relatos a seguir:

Maria Helena de Jesus “Antes o acesso lá era de Pilão Arcado a Remanso Velho. Aí de Remanso é que vinha para Casa Nova, Juazeiro. [...] O acesso a Pilão Arcado... as pessoas costumava dizer que lá não tinha saída, só tinha a entrada. Para outro lugar? Só se fosse da embarcação, né? Como tinha o vapor, tinha as barcas, aí já tinha acesso para Sento Sé, para Chique- Chique para Barra, para os outros lugares. [...] Tinha Cais. Tinha o cais, ainda tem, né? Os pedaços lá, as ruínas, mas ainda tem, mas o cais lá era muito bem feito também. [...] Os barcos dos pescadores não paravam no cais. Já era mesmo só na margem do Rio para outro lado. Aí lá para o cais, onde tinham as rampas, não. Lá para o cais era para as embarcações grande, era o vapor, era as barcas grande, era as lanchas que tinha, também que navegavam muito no rio”.

Joaquim Borges dos Santos- “O ribeirinho foi muito criado com o peixe. O suporte do catingueiro era a beira do rio, muitas ilhas no Pilão velho, lá se plantava muito antes da relocação. E eu e muitos outros recebemos da CHESF, uma casa em Pilão Novo depois da relocação, e um pedaço de terra, longe do rio, e sem água por perto, nem poço nem nada, tempo de seca é um sofrimento, teve gente que recebeu o pedaço de terra mais perto da beira do rio, mas não tinha para todo mundo. Um tempo desse que eu mandei fazer um poço para melhorar as coisas, mas eu sempre fiquei de Pilão Novo para Pilão velho, plantando e criando alguns animais, agora estou velho, não consigo mais ficar de Pilão novo para Pilão velho, vou ficar só com meu pedaço de terra aqui perto mesmo, no Sítio Ingazeira, 15 hectares de terra”.

A senhora Juraci Ribeiro Rodrigues (Figura 44) conta sobre sua chegada na antiga cidade e descreve como a possibilidade de ter a pesca como fonte de renda foi o grande atrativo:

Cheguei no Pilão velho com dois filhos e meu antigo marido, chegamos logo depois da relocação da cidade velha para a cidade nova, viemos para cá para pescar, soubemos que estava bom de peixe, aqui estava chegando pescador de todo lugar, da Paraíba, Ceará, Rio Grande, antigamente a pesca era boa, era cada peixe grande, e foi, e continua sendo muito importante para muita gente a pesca. Quando chegamos aqui já tinha muito pescador.

Figura 44: Senhora Juraci Ribeiro Rodrigues.



Fonte: Felice (2024).

Os relatos transcritos a seguir dos pescadores Roberto Bispo Pereira, José Fernando Lacerda (Figura 45), Edson Sandoval de Almeida, Amilson Alves dos Santos, Joaquim Borges, Maria Helena de Jesus e Arivaldo Juscelino de Almeida, narram a importância do rio e da pesca e por vezes afirmam a paixão por pescar:

Roberto Bispo Pereira- “Eu vim de Ibotirama na Bahia para o Pilão, por causa da pesca. Pesquei muito dourado, surubim, piranha e outros, era cada peixe!”

José Fernando de Lacerda- “Sou Paraense, e todo mundo falava que a pesca no Pilão velho estava boa. Tenho muita história aqui no Pilão Arcado Velho, fico indo e voltando para o Pará, tenho amor pelo rio e pela pesca”.

Edson Sandoval de Almeida- “Trabalhei na CHESF, e na Fundação Nacional da Saúde (SUCAN), mas larguei e me dediquei mesmo foi à pesca, e sou aposentado como pescador, e até hoje fico indo e vindo de Pilão Velho para Pilão Novo, tenho minha casa lá no Pilão Velho”.

Amilson Alves dos Santos- Quando o rio baixa eu planto, só que eu passei uns 10 anos para lá. Abandonei aqui ... que não faço mais isso. Meu pai conta que teve vaca que passou 5 anos sem parir. Quando mudou, o gado, que era acostumado lá. Nesse tempo a gente levava para a ilha, na ilha a gente tinha pasto e aqui não tem, aqui o carrasco desse aqui não brinca. Eu não faço mais isso, não abandono mais minha roça, fico daqui pra lá. Nem todo mundo foi colocado num lugar que tinha água.

Joaquim Borges- “Naqueles tempos, tudo parado, meus avós foi para a beira do Rio São Francisco. Em fevereiro de 1953. Naqueles tempos, ou corria para a beira do Rio ou passava fome, antigamente se comia o que se achava para não passar fome. A barragem que eles botaram no mundo, Companhia Hidrelétrica do São Francisco e eles deviam ter colocado era o seguinte: Companhia Devastadora do São Francisco. Porque só devastou”.

Maria Helena de Jesus- “Adoro pescar, quando eu era jovem, sempre pesquei no Pilão velho antes da realocação, e atualmente, como eu tenho uma casinha também no Pilão Velho, sempre vou com meu filho Paulo Roberto de lancha, aí sempre dormimos por lá e pescamos. No tempo de plantar as roças lá no Pilão Velho, na Ilha do Povo, eu pegava muito peixe no anzol, piranha, mandin, antes da realocação, meu pai e minha mãe iam plantar, e nos levava, nós meninas, íamos cuidar do almoço, limpar o terreiro, preparava o peixe usando banha de porco pra fritar. Meu pai também pescava muito, ele era pedreiro, pescador e cuidava de roça. E quem vive ou viveu de roça na beira do rio sabe com as plantações, quando as águas do rio vem, é dele, quando o rio vai, é nosso. Quando as águas vinha lá no Pilão Velho, antes da realocação, em relação as plantações, saíamos catando o que dava pelo chão, o que dava para ser colhido, antes da água levar”.

Arivaldo Juscelino de Almeida- “Sempre gostei de pescar peixe, sempre tive sorte para peixe. Eu nadava muito de um lado para outro do rio antes da relocação. Daqui do Pilão Velho eu não saio, daqui ninguém me tira, para vocês vê, depois de muito tempo em Minas Gerais, ter casado lá, tive meus filhos lá, trabalhei lá por muito tempo, mas não esqueço do meu Pilão velho, nunca esqueci, e aqui eu estou. Quando estava morando em Minas Gerais fiz vários poemas sobre o Pilão velho e publicava no Jornal Diário do Comércio. Sempre gostei de ler e tirar muitas fotos. A igreja e a Pedra Branca são os lugares mais bonitos aqui do Pilão Velho, o nascer do sol “.

Figura 45: Senhor José Fernando de Lacerda.



Fonte: Felice (2023).

As narrativas das pessoas entrevistadas permitiram que vários fatos fossem contados e recontados e que as memórias coletivas respaldassem os fatos que foram se consolidando e atingindo o status de fontes históricas. O que permitiu que as histórias que eu particularmente escutava desde criança fossem inseridas em um contexto histórico, social, político e cultural muito mais abrangentes.

Quando minha avó Gildete Dias da Rocha (Figura 46) durante a entrevista narra para mim, mais uma vez que:

“Pilão Velho era muito bom, muito importante, tinha muita coisa pra vender. Nós andava lá quando era maior, eu voltava de burro. No tempo da trazida de Santo Antônio, o santo foi trazido de carrinho, de banguê, todo mundo de pé na pista. Nós vinha de lá pra cá com ele rezando e cantando e batemos na igreja, no Pilão Arcade, uma igreja que botou ele desguiado, assim, que ele nem coube.”

Figura 46: Senhora Gildete Dias da Rocha comigo Alessandra, sua neta.



Fonte: Felice (2024).

A professora Maria Niva, durante sua entrevista, também contou sobre o dia em que os santos foram trazidos da antiga igreja de Santo Antônio narrando que:

Aí viemos, trouxemos os Santos, preparamos os andores com Todos os Santos. A CHESF deu os rebocadores para trazer e a gente veio, desceu na Passagem, eu tenho foto de tudo isso, desceu na Passagem e trouxe. A procissão até aqui, a mudança e a primeira festa foi em junho de 79, aqui nessa cidade de Santo Antônio.

Com sua mudança, deixando sua casa, é como se você tivesse deixando para trás, toda uma história de vida. E você sente assim que você estava deixando metade de sua vida, você estava perdendo. No lugar o vínculo, as raízes. Aí eu chorei demais.

É, aí eu sei que, mas no dia da mudança dos Santos, enfim, oficializou a mudança da cidade. Para mim foi muito emocionante aquele dia. Parecia que estavam assim arrancando assim a história da gente, deixando para trás e a gente já sentia um pouco o sofrimento do povo. Enquanto com toda tristeza, com tudo, com toda a perda, a gente sentia. Tinha outros que sofriam pela condição de mudança. Pela condição que a CHESF oferecia. Então, tinha gente que passava necessidade. Porque aqui tudo era novo. Tudo era novo e lá se vivia de uma pesca, lá se vivia de uma galinha do terreiro, do ovo que a galinha colocava e aqui, para essas famílias, tudo era novo. E aí tudo isso foi muito traumatizante, mas viemos com tudo

A respeito do processo de deterioração e ruinação da igreja de Santo Antônio no Pilão Arcado Velho, praticamente todos os entrevistados narraram, geralmente com sentimento de indignação, a respeito da apropriação e retirada dos materiais construtivos da antiga igreja e quando era sugerida uma preservação das ruínas comentavam ainda sobre a possibilidade de restauração da igreja conforme as transcrições a seguir:

Juraci Ribeiro Rodrigues “[...] Era Vendendo, tirando a madeira nas cordas, tirando o telhado. [...] Umas cordas, aí eles pegavam um bocado de homem e descia na corda, os pranchões horríveis, muito largo. E aí eles tiraram ali, era na corda, não sei quantos chamavam os pescadores que tinha muito pescadores”.

Joaquim Santos “Arrancaram o telhado da Igreja, tiraram as portas, janelas, mas quem fez isso não resta nenhum mais vivo”.

Maria do Socorro “Tiraram as telhas da Igreja, as portas, janelas, mas quem fez isso não resta mais nenhum vivo, já se foram tudo”.

Amilson Santos “Saíam arrancando o telhado da Igreja, as portas, janelas, mas quem fez essas perversidades, não está mais vivo”.

Sandoval de Almeida “A igreja não caiu, aquela igreja está naquela situação, ela caiu só as duas torres, aquelas paredes ficaram cobertas de telhas, madeira, o único defeito telhado, não era feito com ripa, era feito com caibro e tesoura. Muito bem feito aquilo ali. A pareceu uns miseráveis lá e tiraram o telhado, tiraram a madeira, foi que começou a deteriorar, se não tava lá direitinha, era só levantar as torres. Tiraram as portas, roubaram tudo. Era cedro, o madeiramento era de pau d’arco”.

Joaquim Borges dos Santos- “Hoje dói ver as ruínas da igreja! será que vai ficar parecendo um deserto para o resto da vida o Pilão velho? O abandono que está lá hoje.”.

Edson Sandoval de Almeida- “Importantíssimo restaurar a igreja”, se houvesse um projeto”...

Alaíde Rodrigues Santos- “Ah, se restaurasse!” Chorei muito na primeira vez que retornei ao Pilão velho, tudo em ruínas”.

Juraci Ribeiro Rodrigues- “O povo que foi destruindo tudo. Quando eu cheguei aqui, depois da realocação, tinha gente tirando as telhas, a madeira, as portas. E eu não gosto nem de passar por perto da igreja, toda destruída”. E se nós não tivesse chegado aqui e não tivesse ficado ninguém aqui no Pilão velho, eles tinham derrubado todas as casas, derrubavam para aproveitar o material das casas.

Maria do Socorro Dias (dona Pequenita)- “Quem era a Igreja de Santo Antônio? A igreja aqui era muito famosa. Sou muito Católica, até para os festejos de Bom Jesus da Lapa eu gostava de ir de barco. Tinha que ter alguma autoridade na cidade, um prefeito que ajudasse a Igreja, para que não destrísse com o tempo”.

Amilson Santos “Conservar a igreja, inventaram um tempo aí que iam reconstruir. Reconstruir ela, mas não vai nada”.

Maria Helena de Jesus- “Muita tristeza quando vejo a igreja daquele jeito; A cidade não era para ser destruída, ela ficou apenas ilhada. Se

eu acertasse na loteria eu restaurava a igreja como um ponto turístico religioso”.

Gosto de tudo que tem no Pilão velho, o Pilão velho significa reviver. Quando eu vou na pedra Branca e vejo aquela paisagem com o rio cheio. Gosto das coisas do lugar, o reflexo da lua na água (lembro da minha mãe). Já o Pilão novo é sinônimo, é referente a desfrutar a família junta, algumas de minhas irmãs como eu, retornamos para morar no Pilão novo depois de aposentadas, ou seja as irmãs estão juntas novamente.

Arivaldo Juscelino de Almeida- “Restaurar essa antiga igreja de Santo Antônio é muito caro, mas podiam pelo menos fazer uma capelinha lá dentro, uma miniatura, assim não gastava tanto dinheiro. Maria Niva Lima da Silva- “Sempre quando íamos ao Pilão velho para lazer, quando meu esposo era vivo, eu chorava muito, em ver o Pilão velho em Ruínas, meu falecido marido falava que não ia me levar mais nos passeios para a cidade velha, eu ficava era chorando”. A Restauração das ruínas da velha cidade e da história vai trazer um progresso muito grande para nós em turismo e cultura e na reeducação do povo. Enfim, vai reviver, revitalizar a nossa história. O meu objetivo era restaurar aquelas ruínas. Para revitalizar, para dar vida e até uma fonte de turismo chegar ao visitante, ir lá mostrar, mas com as ruínas cuidadas, limpas, fazer a estrada do Cruzeiro abrir ali aqueles caminhos que estão fechando de cerquinha aqui, cerquinha acolá. O povo naquela ambição de construir novas casas. Minha intenção era tentar reestruturar de novo ali, que servisse de um ponto histórico. De dar vida novamente a nossa história, ao nosso passado. Era esse o meu desejo.

Ainda de acordo com os relatos da senhora Maria Niva Lima da Silva a proposta de preservação das ruínas não é nova, pois segundo ela:

Eu fui com uma equipe no Pião Velho, acompanhada por antigos moradores e uma equipe da Universidade Federal do Vale do São Francisco estive no local para avaliar e propor ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o tombamento das ruínas. Esse projeto está emperrado por causa que eles queriam uma planta baixa da cidade e naquela época não tínhamos.

Os relatos anteriores demonstram uma preocupação das pessoas em relação a preservação das ruínas bem como o interesse técnico por parte da Universidade em realizar a proteção e o provável tombamento da antiga cidade de Pilão Arcado. Porém a morosidade do processo e a falta de interesse político levam a continuidade de deterioração do que resta da antiga igreja e da antiga cidade.

5 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS COM A PESQUISA

Conforme o objetivo geral da pesquisa, que buscou compreender as relações entre o ambiente, a comunidade e as ruínas da antiga igreja da velha Pilão Arcado, foi possível levantar dados e informações através das entrevistas realizadas com 14 pessoas da comunidade.

É fundamental ressaltar que a estrutura social da antiga Pilão Arcado era marcada pelas tradicionais diferenças socioeconômicas entre as pessoas e, portanto, o processo de retirada e relocação das famílias estava inserido em uma típica sociedade brasileira, com as diferentes classes sociais resultantes da desigualdade econômica. Neste cenário a forma como as diferentes classes sociais foram afetadas é obviamente diferente. Contudo, a relação destas diferenças sociais e o processo de relocação não foram abordadas nesta pesquisa.

A escolha das pessoas a serem entrevistadas, com exceção da minha avó Dona Gildete Dias da Rocha, se deu através de informações obtidas junto aos atuais moradores da antiga Pilão Arcado e junto às pessoas da comunidade da Passagem e da Nova Pilão Arcado.

Buscou-se desta forma entrevistar pessoas que mantinham um forte vínculo com o lugar e que quisessem compartilhar suas histórias, utilizando a antiga igreja como elemento de referência na paisagem e artefato desencadeador das lembranças.

A pesquisa permitiu identificar que as pessoas que vivem atualmente nas áreas próximas a antiga igreja podem ser caracterizadas por quatro grupos distintos.

O primeiro grupo é formado por pessoas que foram diretamente afetadas pelo processo de retirada da antiga cidade e relocação na cidade “nova” de Pilão Arcado. Estas pessoas saíram de suas casas, carregaram o que foi possível, receberam diferentes áreas para desenvolver atividades de subsistência em agricultura e pecuária. Algumas tinham outras fontes de renda além da comercialização do pequeno excedente de produção pois exerciam atividades vinculadas ao funcionamento da antiga cidade ou foram absorvidas pelos poucos trabalhos gerados pelas atividades da CHESF na região.

Embora as famílias tenham recebido casas na nova cidade de Pilão Arcado e ainda parcelas de terras nas áreas próximas, nem todas as terras tinham a mesma proximidade ou disponibilidade de água, acentuando as desigualdades em termos de relocação.

Verificou-se que este primeiro grupo é formado por pessoas que além de terem um vínculo histórico, familiar e cultural com a antiga Pilão Arcado apresentam uma característica comum que é a forte relação com a pesca desde a infância ou juventude. Desta forma, retornar para a antiga Pilão Arcado, tanto para viver diariamente ou apenas nos finais de semana, permite acima de tudo realizar a pesca e manter o vínculo direto com o Rio São Francisco. As pessoas deste grupo compraram ou ocuparam os terrenos e as casas e por vezes construíram novas casas na antiga Pilão Arcado. A infraestrutura das moradias conta geralmente com uma placa solar que garante pelo menos dois pontos de energia na casa. Mas geralmente o resfriamento dos alimentos é feito com o gelo que é comumente comercializado para congelar os peixes.

O vínculo das pessoas deste primeiro grupo com a antiga igreja é histórico, pessoal, familiar, social e cultural. A igreja representa o lugar sagrado e faz parte das lembranças. O lugar sagrado por si só remete às memórias sobre os rituais, os festejos, a infância e adolescência e a juventude destas pessoas e suas relações tanto românticas, quanto simbólicas e de fé, além de lembrar dos pais, avós, padres e pessoas mais velhas da comunidade em geral. Para estas pessoas as ruínas da igreja constituem tanto o lugar sagrado quanto o lugar de memória.

O segundo grupo é formado por pessoas que vieram para a antiga Pilão Arcado logo após a retirada das famílias e abertura das comportas. Este segundo grupo é constituído por pescadores que buscavam bons locais de pesca tendo alguns se estabelecido na antiga Pilão Arcado, outros ao longo das margens do Rio São Francisco e outros se estabeleceram ainda na localidade da Passagem, onde ficam ancorados e amarrados os barcos de pesca, de transporte e ainda os poucos barcos de turismo. Na localidade da Passagem encontram-se ainda os grandes galpões de tratamento e armazenamento de peixes.

Alguns poucos moradores da Passagem são aqueles antigos moradores da Velha Pilão Arcado, outros são os descendentes das famílias da antiga Pilão Arcado e outros são aqueles que foram atraídos para a região por causa das atividades relacionadas com a pesca e processamento dos pescados.

Este segundo grupo, é heterogêneo em termos de origens, mas na sua maioria formado, por pessoas que apresentam um vínculo com o lugar mais recente que o primeiro grupo, porém já estão estabelecidos há mais de 4 décadas na região, tendo

ouvido as muitas histórias sobre a antiga Pilão Arcado e sobre o processo de retirada das famílias.

Para este grupo a antiga igreja de Santo Antônio aparece de duas formas: a primeira relacionada a vivência pessoal e familiar direta na antiga sede da cidade de Pilão Arcado, com as próprias lembranças e as histórias de seus antepassados, já a segunda forma é através narrativas dos antigos moradores que contam as histórias e os fatos ocorridos na cidade velha. Para este segundo grupo as ruínas da igreja representam o lugar sagrado e o lugar de memória.

O terceiro grupo identificado nas áreas da antiga Pilão Arcado é formado por pessoas com um vínculo mais recente com o lugar, são poucas famílias formadas por pais jovens e que tem filhos de diversas idades, sendo que algumas das crianças estudam na escola da antiga Pilão Arcado.

A infraestrutura das casas deste terceiro grupo, é composta por bomba para puxar a água do rio ou poço, uma placa de energia solar e criação de porcos e galinhas. Geralmente a pesca constitui a principal atividade econômica e fonte de renda da família.

A relação deste grupo com as ruínas da antiga igreja é bem recente e seus espaços podem ser utilizados pelos animais, bem como área de brincadeiras para as crianças correrem e se esconderem, sem necessariamente remeter ao lugar sagrado e ou lugar de memória.

Por fim, o quarto grupo pode ser caracterizado pelos moradores temporários ou esporádicos, que aparecem na antiga Pilão Arcado em períodos sazonais, de acordo com a disponibilidade de peixes. Pode ser caracterizado por deslocamentos de indivíduos ou famílias, que vivem de forma itinerante buscando melhores condições de subsistência ou sobrevivência. Este quarto grupo é formado ainda, por famílias de agricultores e pescadores que se estabeleceram nas proximidades da antiga Pilão arcado nas duas últimas décadas.

Para as pessoas tanto do grupo três quanto do grupo quatro as ruínas representam um elemento de destaque na paisagem e remetem a ideia de uma antiga igreja com uma construção impressionante e imponente, já que ainda restam partes de sólidas e espessas paredes.

Esta primeira proposta de identificação das pessoas que moram na área próxima à antiga igreja da Velha Pilão Arcado, com os quatro grupos anteriormente apresentados, constitui uma identificação apenas inicial, baseada nas observações

de campo e nas conversas com os entrevistados e pessoas de região. Para um melhor detalhamento destes grupos são necessárias pesquisas mais aprofundadas e específicas sobre este tema.

No que diz respeito a correlação das dinâmicas ambientais e as dinâmicas sociais na área da antiga igreja da velha Pilão Arcado, foi possível verificar que a dinâmica ambiental do Rio, seus períodos de cheia e a formação das ilhas são aspectos historicamente conhecidos pela população local.

Durante as entrevistas, conforme as pessoas relatavam a vida na antiga Pilão Arcado, sempre lembravam dos cultivos nas ilhas formadas nas proximidades da velha cidade e enfatizavam que nos períodos de cheia tudo era do Rio.

Embora, muitas vezes, as pessoas tivessem que correr no momento das cheias, estas eram sempre esperadas. O ritmo do rio era conhecido e as atividades de agricultura e pecuária eram adaptadas de acordo com a dinâmica e disponibilidade do ambiente. Enquanto a pesca era marcada por períodos de maior ou menor quantidade de peixes, mas sempre constituiu e constitui, até os dias atuais, uma atividade econômica importante e um aspecto cultural relevante, já que a relação das comunidades com o Rio se dá pela disponibilidade de água doce e disponibilidade de alimento, quer seja diretamente o peixe, quer seja indiretamente a viabilidade da agricultura e pecuária relacionada a existência do Rio. Esta relação das comunidades e cidades ribeirinhas, com o conhecimento e adaptação às suas dinâmicas, são aspectos históricos ligados a antiga Pilão Arcado.

Talvez esta longa adaptação ao rio, mesmo com suas surpresas e a constantes necessidades de reconstrução e rearticulação da ocupação e das atividades na antiga área da velha Pilão Arcado, seja o fator de contínua atração dos antigos e tradicionais ocupantes do lugar. Eles percebem que conhecem o Rio e teimam em estar perto e em estar em constante adaptação, já que isto vem sendo feito historicamente e culturalmente ao longo do tempo por algumas gerações.

Tendo a antiga igreja como elemento norteador das conversas e entrevistas, foi possível verificar como ocorre a relação entre as pessoas que ainda moram, ou apenas passam pela velha cidade e suas percepções sobre as ruínas da igreja de Santo Antônio.

Independente de pertencerem ao grupo de moradores mais antigos ou mais recentes da região e mesmo sem necessariamente terem a noção de preservação de patrimônio ou monumentalidade, todos, sem exceção, enxergam a igreja como

elemento de destaque na paisagem e consideram o aspecto da robustez da igreja espantoso. Pois, mesmo tendo tido suas portas, janelas, telhado e madeiramento dilapidados, mesmo tendo caído as duas torres, mesmo tendo sido inundada por poucas vezes, as ruínas persistem e resistem ao tempo e a histórica, contínua e ainda atual retirada das suas pedras e tijolos para comercialização ou para utilização em novas construções.

A relação das pessoas com a antiga igreja se dá tanta pela função das lembranças, das histórias vividas na igreja, quanto em função das histórias ouvidas sobre a igreja.

A relação se dá ainda principalmente com as memórias pessoais de casamentos e batizados, do som do sino, ou nas lembranças coletivas dos festejos e rituais relacionados à fé e aos santos, ao divino e as crenças.

Para os entrevistados não apenas o tempo, a chuva, o sol e as águas do Rio são os responsáveis pela deterioração da antiga igreja, mas a retirada dos seus elementos construtivos que teriam deixado a igreja mais vulnerável e acelerado o processo de transformação em ruína.

A igreja era vista no passado como lugar sagrado e o dia, o momento da retirada dos santos, em especial Santo Antônio, o Santo padroeiro, foi um evento e ficou estabelecido como o marco da concretização do processo todo de retirada e realocação da cidade.

A princípio, o significado simbólico do espaço da igreja, como lugar sagrado perde este significado no dia em que os santos foram retirados. A partir deste momento restam as memórias e as histórias sobre a igreja. A partir deste momento ainda, acreditando que as águas ocupariam a antiga cidade, algumas pessoas, antes e depois da abertura das comportas do lago de sobradinho, retiraram o que puderam da antiga igreja.

A questão da preservação das ruínas da antiga igreja, é algo praticamente instintivo e óbvio, para aqueles que têm estas ruínas hoje como lugar de memória e mesmo para aqueles que consideram apenas seus aspectos construtivos e o destaque na paisagem.

As pessoas sugerem que o mínimo seria a realização de retirada do mato e manutenção básica das estruturas que ainda restam. O poder público, a prefeitura e os prefeitos são constantemente apontados como instituições ou pessoas responsáveis pela preservação das ruínas da antiga igreja.

A discussão sobre a conservação das ruínas da igreja apresenta dois aspectos inter-relacionados, sendo o primeiro a preservação do lugar de memória e o segundo a possibilidade das ruínas constituírem um atrativo turístico e conseqüentemente uma fonte de renda para a população local.

Durante a realização da pesquisa, buscou-se verificar os impactos sociais e culturais causados pela relocação da cidade de Pilão Arcado e embora alguns dados tenham sido obtidos sobre este tema, são ainda necessárias pesquisas específicas que abordem estes impactos.

De qualquer forma um dos primeiros aspectos verificados foi a incoerência entre a criação do lago de Sobradinho para a viabilização de energia elétrica e a disponibilidade desta infraestrutura básica para a população da região. A incoerência está no fato de que várias localidades do município vieram a ter energia elétrica apenas no final da década de 1990 e algumas apenas em 2007. Ou seja, toda uma população diretamente afetada pela infraestrutura para produção de energia não teve acesso histórico a esta infraestrutura mínima.

O acesso a água nos lotes rurais distribuídos também foi incoerente com a disponibilidade de água a qual a população tipicamente ribeirinha estava acostumada antes da realocação.

A migração de algumas pessoas e famílias para outras regiões do Brasil também podem ser caracterizada como impacto negativo, já que foram desterritorializadas e este processo favorece a perda da identidade cultural.

As entrevistas e conversas com as pessoas permitiram verificar que na época em que acontece o processo de implantação do lago de Sobradinho e realocação da cidade, na década de 1970, embora a Chesf tenha feito todo um processo com caráter de preocupação social, não ocorreram medidas compensatórias que viabilizassem uma real vantagem na melhoria de qualidade de vida das pessoas impactadas.

A compensação feita com moradia na cidade e chácaras nas áreas próximas deveria ter sido acompanhada por um salto socioeconômico, relacionado à melhoria da saúde pública, da educação, da moradia, dos serviços e principalmente da geração de novos empregos e alternativas de renda.

Ressalta-se que segundo os dados do relatório da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (2014) o deslocamento da população para a formação do lago gerou problemas sociais que repercutem até hoje na vida dos ribeirinhos. As novas terras não têm a fertilidade daquelas da vazante e a

regularização do rio fez desaparecer essas áreas de agricultura mais fácil, condicionando a atividade à implantação da irrigação, tornando-a mais onerosa e com especificidades técnicas desconhecidas do produtor local.

Ainda de acordo com Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (2014), antes, os moradores eram beneficiados pela agricultura de vazante, agora estão susceptíveis às incertezas da agricultura de sequeiro numa região onde as chuvas são escassas e concentradas num curto período de tempo. A economia dos municípios que compõem a margem esquerda do Lago de Sobradinho está concentrada potencialmente no setor de serviços, principalmente em virtude do aumento da taxa de urbanização notado em todos os municípios.

Passadas mais de quatro décadas da realocação, ou seja, nestes mais de quarenta anos, o que se verifica é, mais uma vez, uma enorme capacidade dos Pilãoarcadenses em se adaptarem às novas situações de vida, no caso aquelas impostas pela criação do lago de Sobradinho.

As pessoas tiveram que se adaptar à dinâmica do Rio e continuam historicamente se adaptando às dinâmicas socioeconômicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou que a implantação do Lago de Sobradinho acarretou mudanças ambientais, sociais e econômicas para a população da antiga cidade de Pilão Arcado, considerando que a criação do lago artificial, acarretou na inundação de grande parte da zona urbana do município da antiga Pilão Arcado, entretanto as porções mais elevadas do terreno, continuaram na maior parte do tempo a salvo das águas. Desta forma, o antigo centro urbano onde estão as ruínas da igreja, da cadeia e prefeitura, de algumas casas estão fora dos espaços inundados em uma área ilhada.

Embora historicamente tenham existido momentos de inundação deste centro, conforme contam os relatos que tratam das águas do Rio destruindo a antiga e pequena capela, a atual ocupação destes espaços potencialmente inundáveis, é de certa forma legitimada pela construção e funcionamento da nova pequena escola que atualmente reúne as crianças que moram na própria área da Pilão Arcado antiga e nas áreas próximas das pequenas propriedades presentes ao longo das margens do rio.

A subsistência destas famílias moradoras das pequenas propriedades é baseada na pecuária, agricultura e principalmente na pesca.

De certa forma, o antigo centro urbano se transforma em um refúgio de alguns poucos ex-moradores que retornaram aos seus lugares de história e memória, tendo ainda se tornado em área ocupada por novas famílias de pescadores. Estes atuais ocupantes ribeirinhos têm o conhecimento sobre a dinâmica do rio e sabem da potencialidade de que ocorram episódios de inundação em toda área.

Os motivos que levam as novas pessoas a estarem nestas áreas estão ligados a disponibilidade do ambiente para ocupação e a possibilidade de ter a pesca, a pecuária e a agricultura como sustento da família, enquanto os motivos que levam os antigos moradores a retornar a estes espaços estão ligados desde a possibilidade de ter a pesca, pecuária e agricultura como complementação da renda, até os aspectos que envolvem o vínculo histórico, cultural e emocional com o lugar que representa uma forte relação com a formação das suas identidades e memórias coletivas do grupo que pertencem.

No início desta pesquisa pensava-se que algumas pessoas haviam permanecido na antiga cidade resistindo ao processo de mudança da sede de Pilão

Arcado Velho, porém ao longo da investigação verificou-se que as pessoas não permaneceram e resistiram ao processo de realocação conforme se pensava no início, mas que algumas poucas pessoas que haviam sido retiradas, retornaram para a antiga Pilão Arcado depois de verificarem que a área não ficou completamente inundada.

Foi possível ainda verificar que de fato algumas jovens famílias ocupam as terras da antiga cidade e buscam a pesca como principal fonte de subsistência.

Os dados obtidos demonstram que com a construção da Barragem de Sobradinho e a realocação da cidade de Pilão Arcado, a antiga igreja que era originalmente um Lugar Sagrado passa a ser um Lugar de Memória.

A pesquisa permitiu verificar os diferentes tempos da antiga igreja de Pilão Arcado “Velho” na Bahia.

Existiu um tempo na saudosa Pilão Arcado, anterior a grande e imponente igreja de Santo Antônio, que existiu uma pequena capela, que teria sido literalmente levada pelas águas do Rio São Francisco.

O ano de 1873 marca o tempo da construção da antiga igreja, que teria posteriormente passado por um tempo de funcionamento até o ano de 1978.

No tempo da construção do lago de Sobradinho as pessoas e a igreja se prepararam para o abandono do lugar e então pessoas, santos e o sino são realocados para a “nova” Pilão Arcado.

Partes da antiga igreja são retiradas, vendidas ou usadas em novas construções já que serão novos tempos e com o passar do tempo a igreja se transforma em majestosa ruína, que aguarda faz tempo por ações de preservação patrimonial.

Os relatos obtidos nesta pesquisa são preciosas lembranças, porque são memórias e histórias que geralmente se perderiam com o tempo, porém estão registradas em áudio e foram transcritas tornando-se fontes históricas.

Foi notável e comovente a emoção durante as entrevistas, principalmente daqueles que nasceram, tiveram infância e adolescência no Pilão Velho, algumas lágrimas e choros, vozes embargadas, frases cortadas por longas pausas, suspiros profundos foram amenizados pelas lembranças divertidas e contadas de forma bem humorada. A antiga Igreja de Santo Antônio, o Cruzeiro, a Pedra Branca onde se pode ver o pôr do sol foram constantemente lembrados.

O rio ali é sinônimo de sobrevivência, muitos ribeirinhos sobrevivem da pesca e agricultura, até hoje. Eles plantavam e plantam nas ilhas onde tinha e ainda tem também pasto e água abundante para seus animais.

Mas mesmo com a implantação da barragem de Sobradinho pela CHESF, com o fornecimento de energia, na casa de minha vó, na zona rural de Pilão Arcado, a energia chegou apenas há uns 10 anos, sendo que a implantação da Usina foi durante os anos de 1977 à 1979 e até hoje nos locais mais distantes existem casas “na roça” que não têm energia.

Segundo o relatório do termo de descentralização orçamentária 25/2014, sobre os atingidos pela barragem de Sobradinho

Verifica-se que ainda hoje, quase quarenta anos depois de construída a Barragem de Sobradinho, que comporta o segundo maior lago artificial da América Latina, as famílias sofrem com a falta de água e de acesso a inúmeras políticas públicas essenciais ao bem-estar e à dignidade da população.

Percebe-se que, em sua maioria, as pessoas ficaram literalmente sem chão. Desde quando é chegada a notícia da construção da Barragem de Sobradinho, que começam os impactos na vida daqueles que viviam sob as margens do rio, sobrevivendo da pesca e da agricultura. Alguns não acreditaram que poderia o rio subir tanto nas suas margens, e resistiram até serem retirados, pelos homens ou pela represa da barragem de Sobradinho (relatório do termo de descentralização orçamentária 25/2014, dos atingidos pela barragem de Sobradinho).

O desejo de restaurar ou manter as ruínas, todos os entrevistados têm, porém como eles relatam, faltam atitudes e ações do poder público de Pilão Arcado.

Através dos relatos orais, foi possível perceber a importância da memória de cada entrevistado, seja aquele Pilãoarcadense que ainda reside no Pilão Velho até hoje, seja pescador ou pescadora que chegou depois da realocação, ou os que moram no Pilão novo e têm casa no Pilão Velho e continuam pescando na área da antiga sede de Pilão Arcado.

A ressignificação do lugar sagrado que é a antiga igreja de Santo Antônio no Pilão Arcado Velho é sinônimo de memória e lembranças.

Gostaria de encerrar esta pesquisa com a poesia que Senhor Arivaldo Juscelino de Almeida declamou durante a entrevista.

Meu Deus, Pilão Arcado era uma cidade, não deixe que tamanha maldade vá com ela acabar. Foi lá que passei minha infância, tive meus amores de criança, aprendi que desejo amar. Foi lá que minha mãe querida, enterrou meu umbigo no fundo do quintal. No simples jardim de rosas, sob fascinante margarida que até pouco sobreviveu,

e hoje com a barragem de Sobradinho nas flores só existem espinhos e a margarida morreu. Morreram muitos animais devido à inundação, e muitos entes morreram de saudades e paixão, pois devido à idade não deu para suportar, ver a morte da margarida. Então eu vos peço ao senhor de bondade que vos devolva sua terra natal, está devolvendo, e para mim em particular, a hora que for morrer uma Vazante geral, aí que eu seja enterrado, ali, pertinho do curral, pois foi lá que aprendi a escrever esses versos, foi lá que tive meus primeiros minutos de vida, lá eu quero morrer (Arivaldo Juscelino de Almeida, entrevistado em janeiro de 2024).

REFERÊNCIAS

- ARRAES, E. Entre reses e almas: questões sobre urbanização, arquitetura e arte das missões jesuíticas dos sertões das capitanias do norte. **PosFAUUSP**, São Paulo, Brasil, v. 21, n. 36, p. 84–100, 2015.
- ASSIS, L. R. dos S.; AMARAL, A. de M. Narrativas Colaborativas e Arqueologia Pública: Memória e Patrimônio nas Comunidades Caldeirãozinho, Jatobá dos Ferros e do Município de Jurema-PI. **FUMDHAMentos**, São Raimundo Nonato, v. 27, n. 2, p. 157-185, 2020.
- BEZERRA, M. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista de Arqueologia Pública**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 107-122, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635674>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- BINFORD, L. R. **Em busca do Passado**: a decodificação do registro arqueológico. [S.l.]: Europa-América, 1982.
- BOADO, F. C. Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje. **Boletín de Antropología Americana**, [S.l.], n. 24, p. 5-29, 1991.
- BOADO, F. C. **Del Terreno al Espacio**: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1999. Série CAPA 6: critérios y convenciones em arqueologia del paisaje.
- BOADO, F. C. Hacia um modelo integrado de gestión e investigación del patrimonio Histórico: La cadena interpretativa como propuesta, PH. **Boletín del Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico**, [S.l.], v. 16, p. 73-78, 1996.
- BOURDIEU, P. **A distinção crítica social do Julgamento**. São Paulo. Edusp, 2007.
- BOURDIEU, P. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Ed. de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRITO, T. M. A. de. **REGIÃO**: Leituras Possíveis de Milton Santos. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- CABRAL, M. E se todos fossem arqueólogos? Experiências na Terra Indígena Wajãpi. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 39, n. 2, p. 115-132, 2014.
- CASCON, Leandro Matthews. Cultura Material e Arqueologia. In: ALMEIDA, M. B.; SCHAAN, D. P.; CAROMANO, C. F. (org.). **Arqueologia e Educação Patrimonial em Serra Leste, Curionópolis, Pará**. Belém: GKNoronha, 2012.
- CASTAÑEDA, Q. E.; HANDLER, R.; HOLLOWELL, J.; LEONE, M. P.; NICHOLAS, G.; PYBURN, K. A.; ZIMMERMAN, L. J. **Ethnographic archaeologies**: reflections on stakeholders and archaeological practices. [S.l.]: AltaMira Press, 2008.
- CASTRO, C. N. de.; PEREIRA, C. N. Revitalização da bacia hidrográfica do rio São Francisco: histórico, diagnóstico e desafios. Brasília: IPEA, 2019.

CAVALCANTE, F. J. P. **Pe. Henrique José Cavalcante: O mestre da caridade.** Petrolina-PE: Gráfica Bandeirante, 2008.

CHRISTOFOLETTI, A. *Análise de Sistemas em Geografia.* São Paulo: Hucitec, 1979.

COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO. **Projeto Sobradinho Estudo de localização da Nova Sede do Município de Pilão Arcado HE 179-R3- 0873.** São Paulo: CHESF, 1973. p. 171.

COSTA, Lúcio. A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil. **Revista ARS**, [S./], v. 8. n. 16, p. 127- 195, 2010.

COSTA, Lúcio. **Arquitetura brasileira.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. Série Cadernos de Cultura.

DAVID N.; KRAMER C. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 13-60, 2002.

DORES, F. G. das. A memória como método de pesquisa. **Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 1, n. 4, p. 113-131, 1997.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESTRELA, E. S. UM RIO DE MEMÓRIAS: O *MODUS VIVENDI* DOS BERADEROS SANFRANCISCANOS ANTES DA REPRESA DE SOBRADINHO (BAHIA). **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 41, n. 1, p. 115-139, 2009.

FAGUNDES, M. Uma análise da paisagem em arqueologia - os lugares persistentes. **Canindé**, [S./], v. 1, p. 01-11, 2008.

FERREIRA, J. P. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Cidades do Piauí.** Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia e Nacional de Estatística, 1958.

FERREIRA, P. E. B. **Apropriação do espaço urbano e as políticas de intervenção urbana e habitacional no centro de São Paulo.** 2007. 133f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FOUCAULT, M. Aula de 12 de março de 1975. *In*: FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no collège de France 1974-1975.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. **Historia da sexualidade: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** Nova Iorque: Pantheon Books, 1980.

- FREITAS, S. M. de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 142p
- GANDARA, G. S. Pilão Arcado e Remanso: patrimônios que dormitam. **Labor & Engenharia**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 05-18, 2014.
- GANDARA, G. S. Pilão Arcado e Remanso: Patrimônios que dormitam. **Labor & Engenharia**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 5-18, 2014.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1973. 323p.
- GONÇALVES, R. de C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katál.**, Florianópolis, v. 10, n. especial, p. 83-92, 2007.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. De la Etnoarqueologia a la Arqueologia del Presente. *In*: SALAZAR, J. *et al.* **Mundos Tribales**: uma visión etnoarqueológica. València: Museu de Prehistòria de València, 2009.
- GUERRA, A. J. T.; MARÇAL, M. dos S. (org.). **Geomorfologia ambiental**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 189 p.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1968.
- HODDER, I. **Archaeology as long-term history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HODDER, I. **Symbols in action**: ethnoarchaeological studies of material culture. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HONORATO, L. da C. Arqueologia da paisagem e Geoarqueologia: experiências em projetos de pesquisa. **Revista Tópos**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 127–147, 2009.
- HONORATO, L. da C.; FACCIO, N. B. **Arqueologia da Paisagem**: o conhecimento das áreas de ocupação dos índios pré-coloniais no Paranapanema Paulista. [S.l.: s.n.], 2014.
- INGOLD, T. **A Percepção do Meio Ambiente**: Ensaio sobre Subsistência, Habitação e Habilidade. Londres: Routledge, 2000.
- INGOLD, T. The Temporality of the Landscape. *World Archaeology*, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 152-174, 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/124811>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957; 1964.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pilão Arcado**: História. Pilão Arcado: [s.n.], 2017.
- KNAPP, A. B. Ideational and industrial landscape on prehistoric Cyprus. *In*: ASHMORE, W.; KNAPP, A. B. **Archaeological of Landscape**: contemporary perspectives. Oxford: Blackwell Publishers, 1999. p. 229- 252.
- LEDOUX, N. R. P. **Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas**: Uma arqueologia da memória da Remanso submersa- BA. 2017. 165 f. Dissertação

(Mestrado em Arqueologia e Interfaces Disciplinares) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.

LIMA, G. Q. **Barranqueiro de Pilão Arcado: documentários e histórias diversas.** [S.l.]: Gráfica Printpex. 2005.

LIMA, G. Q. **Pilão Arcado: Um marco do rio São Francisco** (Documentários e Histórias Diversas). Salvador: Bureau Graf. e Editora, 2010.

LIMA, G. Q. **Pilão Arcado: Um marco no Rio São Francisco.** [S.l.]: Gráfica Printpex. 2005.

LINS, W. **Aprendizagem do Absurdo: uma casa após a outra: Memórias.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, Conselho Estadual de Cultura, 1997.

LINS, W. de A. **O Médio São Francisco: uma Sociedade de pastores guerreiros.** 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade.** Lisboa: Edições 70, 1960.

MAIA, A. R. N. **Contribuições da arqueologia simétrica e da arqueologia da arquitetura para análise de espaços religiosos: o estudo de caso das igrejas de São Raimundo Nonato (PI) e Ponta da Serra – Dom Inocêncio (PI).** 2021. 261 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2021.

MAIA, A. R. N. **Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-PI: uma análise a partir da Arqueologia da Arquitetura.** 2018. 76 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato-PI, 2018.

MAYER, V. F. Aspectos gerais da arquitetura religiosa colonial baiana. **Arqtexto**, [S.l.], v. 3, n. 4, p.144-153. 2003. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_3-4/15_Vilmar%20Francisco%20Mayer.pdf. Acesso em: 30 jul. 2020.

MELLO, M. A. G. M. **História Política do Baixo Médio São Francisco: um estudo de caso de Coronelismo.** 1989. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1989.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10. p. 7-28, 1993.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10. p. 7-28, 1993. Tradução de Khoury, 1993. Departamento de História, PUC-SP.

ORSER JUNIOR, C. E. **Introducción a la Arqueología Histórica.** Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología, 2000.

PEIXOTO, T. da C. **Os Mandarins do Sertão: Os Criadores de Gado São Francisco 1650-1750.** 2006. Dissertação (Mestrado em história) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PEREIRA, R. M. V. **O papel da igreja na resistência camponesa de Sobradinho**. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1987.

PINHEIRO, J. de J. **Patrimônio arqueológico no lago de Sobradinho/BA - Sítio Pilão Velho**: caracterização e reflexões. 2023. 242 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2023.

PINHEIRO, K. J. de J. **O Uso e transformação do espaço urbano**: um estudo arqueológico da cidade de Remanso velho, BA. 2009. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2009.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, R. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros e conversas com alguns municípios de Pilão Arcado – BA**. Pilão Arcado: [s.n.], 2018.

SANTOS JÚNIOR, V. dos. **Arqueologia da paisagem**: proposta geoambiental de um modelo explicativo para os padrões de assentamentos no Enclave Arqueológico Granito Flores, microrregião de Angicos (RN). 2009. 329 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, S. F. **Remanso, Passado e Presente**. Salvador: Secult, 2005.

SCHIFFER, M. B. **Formation processes of the archaeological record**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SCHLANGER, S. Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. *In*: ROSSIGNOL, J.; WANDSNIDER, L. **Space, time, and archaeological landscapes**. New York; London: Plenum Press, 1992. p. 91-112.

SILIPRANDI, E. C. **Os sindicatos dos trabalhadores rurais face as intervenções do estado na área de Sobradinho 1971/1987**: o caso de Remanso e Pilão Arcado. 1988. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural). Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1988.

SILVA, A. R. da. **FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE PILÃO ARCADE – BA**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2016.

- SILVA, E. M. da. **Desterritorialização sob as águas de Sobradinho: Ganhos e Desenganos.** 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- SILVA, F. A. **As Tecnologias e Seus Significados: Um estudo da Cerâmica dos Assurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó- Xikrin sob uma perspectiva Etnoarqueológica.** 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SOUZA, C. M. Memória e Oralidade: entre o individual e o social. **Textos e Debates**, Boa vista, v. 1, n. 12, p. 10-15, 2007. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/view/1149>. Acesso em: 23 maio 2024.
- SOUZA, J. C. O. de. **Identificação de Geossistemas e sua Aplicação no Estudo Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio São Miguel – Alagoas.** 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- TAYLLOR, J. B. **Discretion versus policy rules in practice.** North-Holland: Carnegie-Rochester Conference Series on Public Policy, 1993..
- TAYLOR, C. **El multiculturalismo y la política del reconocimiento.** Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- THOMAS, J. Archaeology of landscape. *In.* HODDER, I. **Archeological theory today.** Cambridge: Polity Press, 2001. p. 165-186.
- THOMPSON, P. **A voz do passado história oral.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TILLEY, C. **A Phenomenology of landscape: places, paths and monuments.** Oxford: Berg, 1994.
- TURNER, V. **The Forest of Symbols. Aspects of Ndembu Ritual.** Ithaca: Cornell University Press, 1967.
- VEIGA, E. **Hidrelétricas matam toneladas de peixes e ameaçam espécies nos rios brasileiros, aponta estudo.** 2021. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56738148>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- ZEDEÑO M. I. Landscape land use, and the history of territory formation: na example from Pueblon southeast. **Journal of Archaeological Method and Theory**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 63-103, 1997.

ANEXO I - TÓPICOS E PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

DADOS DO PESQUISADOR:

DATA: ___/___/___

NOME: Alessandra Rocha da Silva Ribeiro

DADOS DA PESQUISA: Pesquisa de mestrado

NOME DA PESQUISA: OS DIFERENTES TEMPOS DA ANTIGA IGREJA DE PILÃO ARCADEO "VELHO" NA BAHIA

DADOS DA PESSOA ENTREVISTADA:

NOME COMPLETO: _____

IDADE: _____

LOCAL E DATA DE NASCIMENTO: _____

ENDEREÇO ATUAL: _____

PROFISSÃO: _____

NOME DO CONJUGUE, COMPANHEIRO/A SE TIVER: _____

IDADE: _____

NOME DOS FILHOS: _____

TÓPICOS A SEREM ABORDADOS NA ENTREVISTA

O senhor ou a senhora autoriza a gravação desta conversa, que poderá ser transcrita e utilizada no trabalho de pesquisa?

O senhor ou a senhora autoriza que sejam feitas fotografias para serem utilizadas na pesquisa?

Nasceu em Pilão Velho?

O que levou o Senhor (a) a ficar residindo na antiga cidade?

Tem quantos anos que mora ou morou no Pilão Arcadeo Velho?

O que hoje a igreja representa para vocês?

Você se batizou, ou casou na antiga igreja?

Como ficou a igreja depois da relocação de Pilão Arcadeo Velho e Pilão Arcadeo Novo?

Como eram às programações religiosas na igreja de Santo Antônio?

Quais lembranças tem da paisagem ao redor da igreja?

Quais as lembranças tem dos artefatos, objetos da igreja?

Acha que deveria haver algum projeto para preservar a antiga igreja?

Obrigada!

ANEXO II - LISTAS DE ENTREVISTAS E ORDEM DOS ENTREVISTADOS

Relatos	Entrevistados
Nº 1	Roberto Bispo Pereira
Nº 2	José Fernando de Lacerda
Nº 3	Maria do Socorro Dias (Dona Pequenita)
Nº 4	Natalina do Nascimento Ferreira.
Nº 5	Maria Niva Lima da Silva
Nº 6	Amilson Alves dos Santos
Nº 7 e 8	Joaquim Borges dos Santos (Seu Quinca) e Raimunda Alves Borges
Nº 9 e 10	Edson Sandoval de Almeida e Alaíde Rodrigues
Nº 11	Juraci Ribeiro Rodrigues
Nº 12	Gildete Dias da Rocha
Nº 13	Arivaldo Juscelino de Almeida.
Nº 14	Maria Helena de Jesus